

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2023

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023 ISSN: 0872-6086

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7919687>

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**O MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DO MONGE (SINTRA)
– RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2021**

***THE MONGE PREHISTORIC MONUMENT (SINTRA)
– ARCHAEOLOGICAL RESEARCH OUTCOMES IN 2021***

Subindo a ingreme encosta que de S. Pedro de Cintra conduz para a cumiada da serra, ou a que da villa de Cintra também conduz para a mesma cumiada, atravessasse um tracto do solo onde a natureza prodigalizou todos os elementos para n'elle se crear a mais amena e encantadora paisagem. Ganhando o cume da serra e buscando o ponto mais alto d'ella, chega-se Ao sítio denominado do Monge (...)

Carlos Ribeiro, 1880

Catarina Costeira¹, Eduardo Porfírio² & Teresa Simões³

Abstract

We present the results of the archaeological research at the *tholos* do Monge (Sintra Mountains) in the year 2021 and the research history of this monument for a better understanding of the most recent information.

This paper aims to recreate research into this prehistoric tomb, integrating it into the megalithic paradigms prevailing in the 21st century, also inserting it into a wider program for enhancement of this heritage promoted by the Sintra Municipality.

Keywords: *Tholos*; Funerary Architecture; Megalithism; 3.º millennium a. C.; Sintra Mountain.

1 – INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados no *tholos* do Monge em 2021 (Código Nacional de Sítio 3385) decorreram no âmbito da recolha de informação para o desenvolvimento do projeto de conservação, restauro e valorização deste monumento, enquadrando-se num programa mais vasto de estudo e valorização do património arqueológico promovido pela Câmara Municipal de Sintra (PORFÍRIO et al. no prelo). O referido projeto conta com a coordenação geral de Teresa Simões, a direção científica de Catarina Costeira e Eduardo Porfírio, sendo

¹ Divisão de Cultura, Departamento de Cultura e Património, Câmara Municipal de Sintra.

² Divisão de Cultura, Departamento de Cultura e Património, Câmara Municipal de Sintra.

³ Divisão de Cultura, Departamento de Cultura e Património, Câmara Municipal de Sintra.

Pedro Braga o conservador restaurador responsável. A equipa de campo foi também constituída pelos arqueólogos Marta Macedo, Hugo Morais e Ricardo Campos e pelo assistente de arqueologia João Luís Pedro.

Neste artigo pretendem-se apresentar os resultados da intervenção arqueológica realizada em 2021, bem como reflectir e discutir os dados publicados sobre este monumento ao longo de 142 anos e incentivar o desenvolvimento do seu estudo no âmbito das novas linhas de investigação do megalitismo.

Trabalhar num sítio como o *tholos* do Monge constitui, só por si, um grande desafio. Não se tratando apenas de escavar os sedimentos no terreno, recolher os materiais e definir as estruturas, é necessário, também, “perscrutar” os arquivos e as memórias das gerações de arqueólogos que nos antecederam.

As estruturas funerárias designadas por *tholoi* surgem na bibliografia arqueológica desde o final do século XIX, com a identificação de monumentos como o do Monge (RIBEIRO, 1880, p. 74), Alcalar (VEIGA, 1886, p. 80), e São Martinho (APOLINÁRIO, 1896, p. 210). As primeiras descrições destes monumentos salientavam as suas especificidades arquitetónicas e construtivas, marcadamente diferentes das antas/dolmens e das grutas artificiais, mas não utilizavam um termo específico para os designar, veja-se por exemplo as designações utilizadas por J.L. Vasconcelos – “sepulturas por escavação com revestimento interno” (VASCONCELOS, 1897, p. 245) e Carlos Ribeiro – “monumento”, “recinto”. Com efeito, a utilização do termo grego *tholos* (*tholoi* no plural) dissemina-se na arqueologia portuguesa durante o século XX (CORREIRA, 1914, p. 265; FERREIRA, p. 203-203; VIANA, et al., 1957, p.; 1959, p. 212), enquadrando-se num modelo interpretativo de cariz marcadamente orientalista (SOUSA, 2016, p. 218). Neste âmbito é importante referir que Georg e Vera Leisner, na tipologia que desenvolvem, utilizam uma terminologia focada nas características arquitetónicas e construtivas dos monumentos (*Rundgräber; Kuppelgräber; Felskuppelgräber*), o que confere aos vários tipos definidos uma maior abrangência e objetividade. Contudo, a utilização do termo *tholos* vai ganhando maior expressão na obra destes investigadores, associando-se sobretudo ao estudo dos monumentos da área mais ocidental da Península Ibérica. Assim, nos *Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen* de 1956 e 1959, os termos *tholos/tholoi* surgem 55 e 36 vezes, respetivamente, enquanto no de 1965 encontramos 248 referências.

Com o aumento do número de monumentos identificados, a par da diversificação dos territórios de implantação, das matérias-primas utilizadas e dos esquemas construtivos, bem como com as crescentes críticas às correntes teóricas difusionistas e orientalistas, a utilização de um vocábulo grego para designar estas estruturas pré-históricas foi-se tornando desconfortável, sobretudo nos trabalhos do final do século XX/ inícios do século XXI (LAGO, et al., 1998, p. 63; VALERA, et al., 2000, p. 92; BOAVENTURA, 2009, p. 211). Contudo, o termo *tholos* continua a ser utilizado pela generalidade dos investigadores portugueses, preferencialmente no género masculino (para aprofundar esta questão consultar Ferreira, 1957, p. 204-205) e numa aceção abrangente. Assim, em termos genéricos, o termo *tholos/tholoi* refere-se a estruturas funerárias coletivas, semi-subterrâneas, constituídas por câmara de morfologia tendencialmente circular, com cobertura cupuliforme (admitindo-se a utilização de diferentes tipos de matérias-primas e de metodologias construtivas) e corredor de acesso, por vezes com antecâmaras, átrios e nichos, cronologicamente enquadradas no 3.º milénio a. C. (GONÇALVES, 1992, p. 237; SOUSA, 2016, p. 216-218; CORGA, 2022, p.16-17).

Atualmente o número de *tholoi* identificados em Portugal situa-se entre os 61 e os 94 monumentos (SOUSA, 2016, p. 215; CORGA, 2022, p. 174-188), crescendo ao ritmo dos trabalhos de arqueologia preventiva, sobretudo no Alentejo e no Algarve. Note-se que na Estremadura os 11 *tholoi* atualmente conhecidos foram identificados e escavados entre 1880 e 1979, registando-se intervenções arqueológicas recentes (a partir de 2020 e ainda com poucos dados publicados) apenas em três sítios: Praia das Maças, Monge e Barro. Assim, os diferentes ritmos de investigação regional conduzem a modelos interpretativos muito diferenciados, porque os métodos utilizados e os dados disponíveis são muito diversos. Espera-se que os trabalhos mais recentes

nos *tholoi* estremenhos permitam modernizar este tema e aumentar os investigadores interessados nos monumentos desta região.

No que se refere às publicações, com exceção do artigo de síntese publicado por Ana Catarina Sousa em 2016, a maioria dos trabalhos académicos e publicações sobre *tholoi* têm uma dimensão monográfica, centrada num monumento concreto ou num “*cluster*” (no conceito de Rui Boaventura) específico, faltando obras abrangentes e de conjunto, que permitam constituir um *corpus* morfológico e terminológico, bem como elaborar análises comparadas em termos regionais.

2 - LOCALIZAÇÃO DO MONUMENTO E PAISAGEM ENVOLVENTE

O *tholos* do Monge localiza-se no topo de uma das mais altas elevações da vertente Sul da serra de Sintra, junto ao vértice geodésico de 1ª ordem do Monge. Administrativamente pertence à freguesia de Colares, ao concelho de Sintra e ao distrito de Lisboa, estando a cerca de 490 m de altitude (ver Fig. 1). Esta implantação topográfica garante-lhe, não só, um excelente domínio sobre a quase totalidade da paisagem envolvente, mas também de toda a área costeira localizada entre o Guincho e Cascais (ver Fig. 2).

O monumento do Monge foi construído em terrenos graníticos. Os granitos da serra de Sintra são compostos predominantemente por quartzo, ortose de tonalidade avermelhada, oligóclase, podendo ocorrer também apatite, biotite, andesina e alanite. A curta distância deste local, na direção Oeste, surgem os sienitos. A transição dos granitos para estes últimos ocorre de uma forma progressiva, estando identificadas um conjunto de prováveis falhas na envolvente (RIBEIRO & RAMALHO, 1997). Verifica-se um aumento do quartzo nas litologias sieníticas, ocorrência esta que se vai reduzindo para Oeste. Os sienitos desta zona contêm ortose,

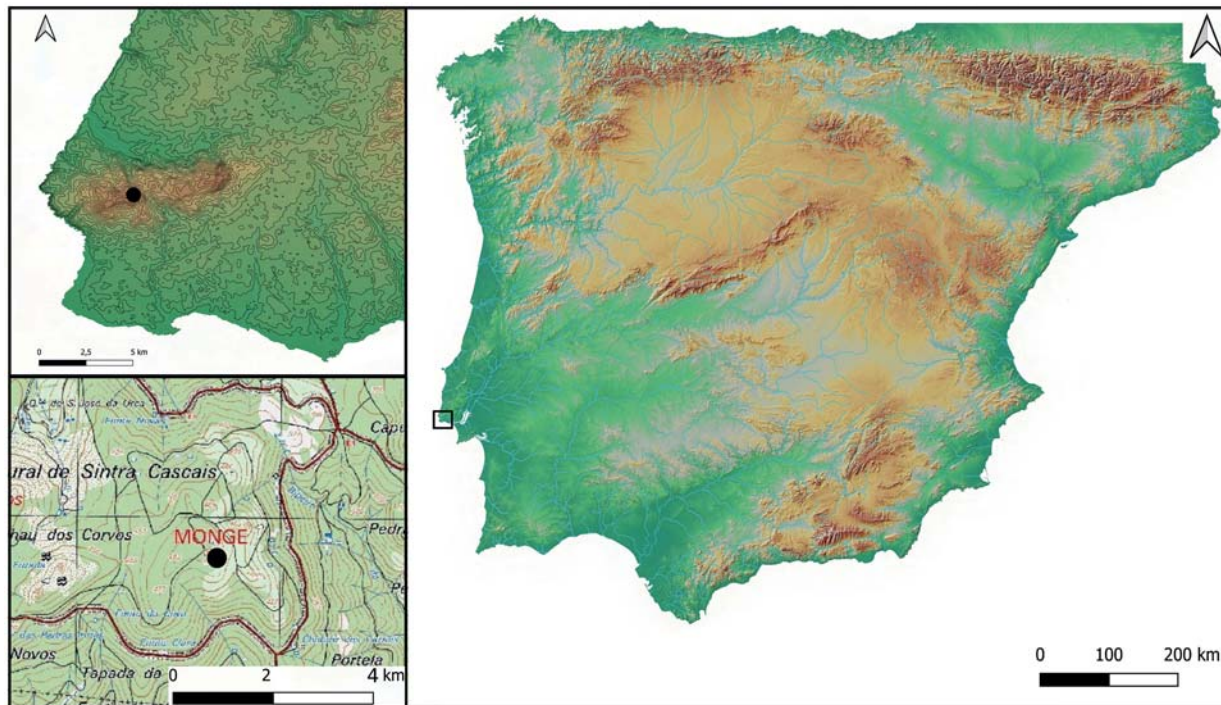


Fig. 1 – Localização do *tholos* do Monge. Hipsometria e relevo sombreado da Península Ibérica ©Servicio de Cartografía de la Universidad Autónoma de Madrid. Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha n.º 415, Serviços Cartográficos do Exército.

andesina ou oligóclase, para além de piroxenas e biotites como minerais acessórios. A Sul desta área podem ocorrer brechas máficas, relacionadas com a brecha da Peninha-Monge. Esta é composta por microssienitos quartzíferos, rochas intermédias porfíricas, rochas basálticas e calcários cristalinos integrados num cimento compacto com olivina.

A geologia da serra condiciona a estruturação da rede hidrográfica que corre encaixada em vales de formação relativamente recente, aproveitando principalmente as zonas de contacto do granito com os calcários e com os xistos (RIBEIRO, 1940, p.208). O regime destas linhas de água é intermitente, apresentando um carácter perene fortemente influenciado pela pluviosidade. A Ribeira de Colares constitui a grande exceção, pois as suas águas espriam-se num vale largo que, no seu troço terminal, possui terraços fluviais com alguma extensão.

O maciço ígneo funciona como elemento separador das bacias hidrográficas da região. Assim, as linhas de água situadas a Norte da serra desenvolvem-se principalmente na direção Sudeste-Noroeste, com exceção do troço mediano da ribeira de Colares e da Ribeira do Cameijo que correm no sentido Este-Oeste. Já os cursos de água situados a Sul da serra seguem primordialmente uma direção Nordeste-Sudoeste (AAVV, 2003).

A morfologia e a vegetação da serra de Sintra originam um microclima mediterrânico com feição oceânica e humidade quase tropical. As características dos solos e do clima permitem a presença de espécies arbóreas muito diversificadas, como os carvalhos (*Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*), a azinheira (*Quercus faginea*), o sobreiro (*Quercus suber*), o medronheiro (*Arbutus unedo*) ou o pinheiro manso (*Pinus pinea*) (SILVA *et al.*, 1991, p. 16; SIMÕES, 1999, p. 21; 2003, p. 78).



Fig. 2 – Vista do *tholos* do Monge para o quadrante Sul, vendo-se em último plano a serra da Arrábida.

A intensa utilização da serra de Sintra ao longo de milénios contribuiu significativamente para a antropização do coberto vegetal. Até ao século XIX, de acordo com a informação disponível (CATARINO, 1996; SIMÕES, 1999, p. 21), esta paisagem caracterizava-se por manchas de floresta, zonas de pastoreio e mato rasteiro, o que conferia maior destaque aos seus píncaros e encostas. As transformações na vegetação da serra tornam-se mais significativas no final do século XIX, com a proliferação de parques e jardins, nos quais se plantaram intensivamente múltiplas espécies exóticas e luxuriantes. No século XX, a reflorestação extensiva desta serra, inserida num programa de âmbito nacional, promoveu a presença maciça de pinhal, com algumas espécies de origem alógena como as acácias e os eucaliptos (RIBEIRO, 1980; ESTÊVÃO, 1983, p. 1884; DEVY-VARETA, 1993, p. 39; SILVA, *et al.*, 1991, p. 16; SIMÕES, 1999, p. 21), cujo crescimento desordenado foi promovido por vários episódios de incêndios florestais, tempestades e falta de manutenção e de ordenamento.

Na atualidade o *tholos* do Monge está envolvido por uma densa vegetação constituída por árvores de grande porte e arbustos, que inclui espécies invasoras e exógenas (como as acácias) e algumas espécies protegidas, que tem condicionado a sua conservação, limita a sua visibilidade e destaque na paisagem envolvente. Contudo, a monumentalidade arquitetónica, implantação topográfica e orientação deste monumento sugerem a existência de uma paisagem mais árida, com vegetação escassa e rasteira na cronologia em que foi construído e utilizado.

3 - HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO NO *THOLOS* DO MONGE

O *tholos* do Monge foi publicado pela primeira vez por Carlos Ribeiro, no final do século XIX (1880), não sendo ainda possível determinar a data em que a primeira intervenção arqueológica se realizou. De acordo com a informação disponível sobre o levantamento geológico e corográfico de Portugal (LEITÃO, 2004, p. 99), durante os anos de 1861 e 1862 realizaram-se vários trabalhos de campo na região de Sintra e Cascais, que incluíram o estudo da serra de Sintra e a realização de vários cortes, que passavam pelo cabeço do Monge. Estes trabalhos foram realizados por Carlos Ribeiro e vários assistentes como Manuel Costa e Sousa, Manuel Roque Oliveira, Joaquim Duarte Cunha e Manuel Silva, sendo importante assinalar que em 1862 Pereira da Costa deslocou-se também ao local para discutir a classificação das rochas traquíticas do Cabo da Roca e do Monge e das dioríticas da área ocidental da serra de Sintra (LEITÃO, 2004, p. 160, 166; CARNEIRO, 2005, p. 147). Note-se que o vértice geodésico de primeira ordem do Monge ostenta a data de 1845, estando por isso associado aos trabalhos geodésicos para a elaboração da Carta Geral do Reino de Portugal, dirigidos por Pedro e Filipe Folque no início do século XIX (FOLQUE, 1851; 1856; DIAS, 2003, p. 384). A futura consulta da documentação destas expedições geológicas no Arquivo Histórico do LNEG (CARNEIRO, 2017) permitirá ampliar o conhecimento sobre a identificação e primeira intervenção arqueológica no *tholos* do Monge.

Não obstante estas imprecisões, é certo que a estrutura pré-histórica do Monge corresponde a um dos primeiros monumentos de falsa cúpula identificados na Península de Lisboa e no Sul de Portugal (VASCONCELOS, 1902, p. 9; ROCHA, 1904, p. 49), tendo sido escavado e registado numa fase muito precoce da arqueologia portuguesa o que dificultou a sua interpretação e condicionou a sua investigação e posterior proteção.

Com efeito, no final do século XIX, inícios do século XX a bibliografia evidencia uma certa confusão nas descrições do *tholos* do Monge e de Adrenunes, um geomonumento localizado nas proximidades e interpretado como estrutura funerária tipo anta desde o final do século XIX (COSTA, 1868; BARBOSA, 1886, p. 377-379; SILVA, 1879, p. 43; BOLAMA, 1909, p. 203-203; PEREIRA, 1957, p. 60; LEISNER & LEISNER, 1959, p.13-14).

No decreto de 16 de junho de 1910 (DG, 1ª série, n.º 136 de 23 de junho de 1910) apenas Adrenunes surge classificado como Monumento Nacional, enquanto o *tholos* do Monge aguarda ainda o decreto de classificação. A ausência deste último sítio do decreto de 1910 pode estar associado às suas características arquitetónicas, que o tornavam um monumento muito singular na época e com menor monumentalidade do que a dos monumentos megalíticos de tipo anta/dólmen.

Nos primeiros trabalhos realizados por Carlos Ribeiro efetuou-se uma planta do monumento e recolheu-se um conjunto significativo de materiais, cronologicamente enquadrados no Calcolítico e na Idade do Bronze Final, que actualmente se encontra depositado no Museu Geológico (Lisboa).

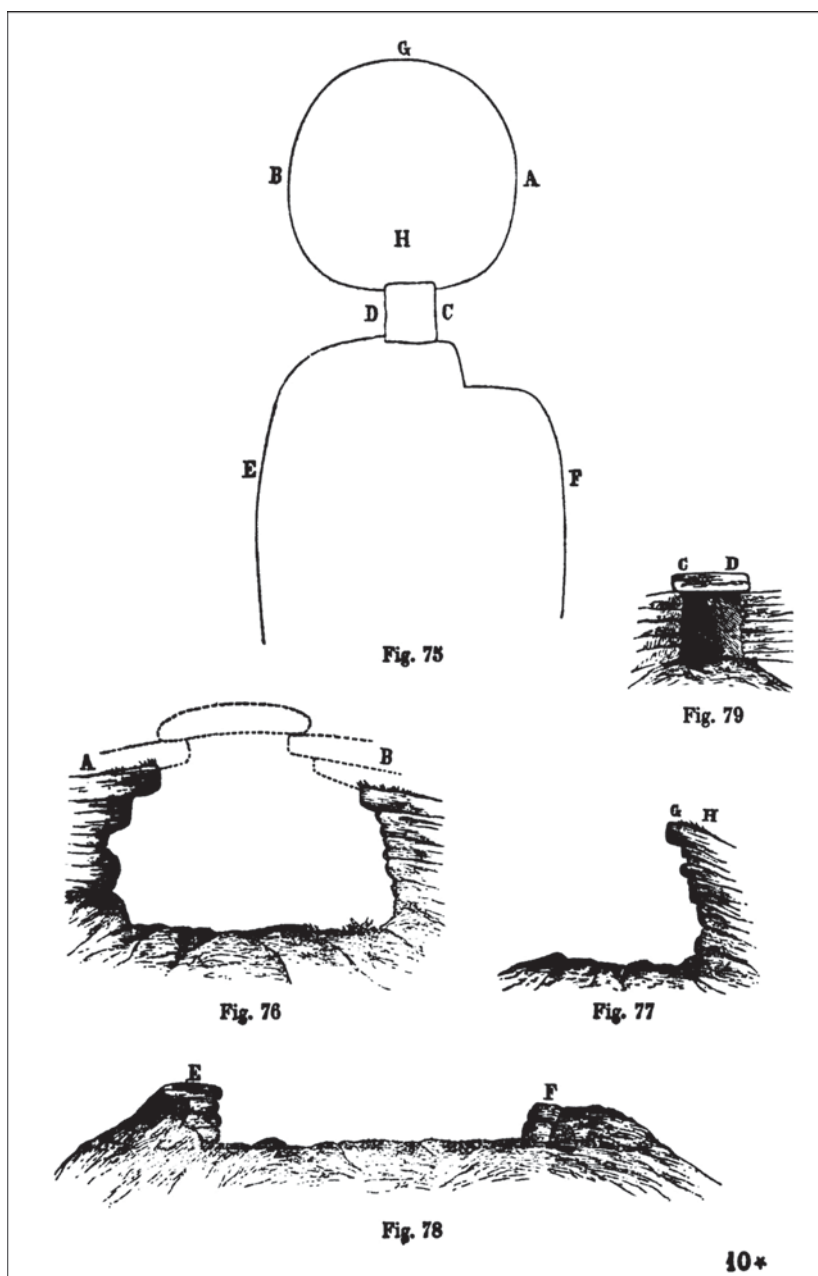


Fig. 3 – Planta, seções e alçados do *tholos* do Monge publicados por Carlos Ribeiro (1880, p. 75 e 76).

A singularidade arquitetónica, a simbiose entre elementos mediterrâneos e atlânticos e a diversidade do espólio deste monumento incentivaram desde cedo a sua publicação em trabalhos de síntese internacionais sobre a Península Ibérica, como os de Émile Cartailhac (1886); Manuel Gómez-Moreno (1905, p. 113); Georg Wilke (1912, p. 12, fig. 4); Hugo Obermaier (1919, p. 14; 36); E. Thurlow Leeds (1920, p. 228); Nils Aberg (1921); Castillo (1928, p. 61, figura XLV), H. J. Fleure e H. J. Peake (1930, p. 50) ou Jacquetta Hawkes (1934).

Na década de 1930 Félix Alves Pereira efetuou uma visita ao *tholos* do Monge, realizando uma descrição pormenorizada da sua arquitetura e alertando para a fragilidade do seu estado de conservação (PEREIRA, 1932 [1957] a e b).

Georg Leisner publicou em 1940 o artigo *Überleben megalithischer elemente in ländlichin bauten von Alentejo*, num dos volumes do Congresso do Mundo Português, sobre as estruturas etnográficas de falsa cúpula do Alto Alentejo, estabelecendo alguns elementos de comparação com as estruturas e coberturas dos *tholoi* calcolíticos. Neste artigo, o *tholos* do Monge é um dos monumentos referidos, sendo a sua estrutura descrita com algum detalhe (LEISNER, 1940, p. 355). Esta referência sugere que o casal Leisner visitou a serra de Sintra e concretamente o monumento em análise numa fase inicial da sua estadia na Península Ibérica.

Em 1943, Georg e Vera Leisner no volume dos *Megalithgräber* dedicado aos monumentos do Sul da Península Ibérica descrevem detalhadamente o *tholos* do Monge e as suas características arquitetónicas em vários momentos, demonstrando que tinham um conhecimento mais pormenorizado deste elemento patrimonial do que a bibliografia disponível à época. Discordavam inclusivamente de algumas das ideias então veiculadas, nomeadamente aquela que considerava que este monumento seria um híbrido entre uma gruta artificial e um monumento de falsa cúpula (LEISNER & LEISNER, 1943, p. 259; 287; 289; 295). Neste volume



Fig. 4 – Fotografia da câmara do *tholos* do Monge retirada de Félix Alves Pereira (1932) [1957].

publicam a primeira fotografia do *tholos* do Monge (Tafel 110), na qual apagam o marco geodésico, certamente com o objetivo de melhorar o seu enquadramento. A imagem referida faz parte do acervo do Arquivo Leisner (Biblioteca de Arqueologia DGPC/Instituto Arqueológico Alemão), constituindo informação de grande relevância para a investigação arqueológica e para o desenvolvimento de futuros projetos de conservação, restauro e valorização.

A análise detalhada desta documentação permite avaliar a evolução do monumento ao longo do tempo, bem como as alterações paisagísticas da serra de Sintra. Todavia, como estes registos fotográficos e gráficos foram obtidos sem ações prévias de limpeza e escavação, apresentam algumas limitações na representação do monumento.

No volume dos *Megalithgräber der Iberischen Halbinsel* publicado em 1956, dedicado aos monumentos megalíticos do Ocidente, Georg e Vera Leisner elaboram uma descrição mais pormenorizada do *tholos* do Monge, publicando uma planta, um alçado e vários perfis desta sepultura, bem como repetindo a fotografia anteriormente referida (LEISNER & LEISNER, 1956, p. 20; 34; 35; 75; 91; 110; Tafel 5 e 39). Em 1965, na versão atualizada de *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel der Westen*, para além do aprofundamento de algumas questões arquitetónicas, Vera Leisner elabora o inventário, a descrição e várias estampas referentes ao espólio recolhido durante as escavações do final do século XIX e que se encontra depositado no Museu Geológico em Lisboa (LEISNER, 1965, p. 82-85, Tafel 65; 66; 67).

V. Gordon Childe esteve em Portugal entre 21 de dezembro de 1949 e 1 de janeiro de 1950, período durante o qual visitou vários sítios arqueológicos de Norte a Sul do país, entre os quais se inclui o *tholos* do Monge (GONÇALVES, 2011, p. 317). Na sequência desta visita publicou um pequeno artigo na Revista de Guimarães, no qual elabora, entre outras, uma breve abordagem comparativa entre os bordos espessados calcolíticos de sítios ingleses, escoceses e portugueses, sendo que, entre estes últimos, contam-se dois fragmentos provenientes do monumento sintrense (CHILDE, 1950, p. 9, fig. 1 n.º 4 e 5). Passados sete anos G. Zbyszewski, A. Viana e O. Veiga Ferreira (1957) publicam uma breve notícia sobre o *tholos* do Monge, na qual fazem uma

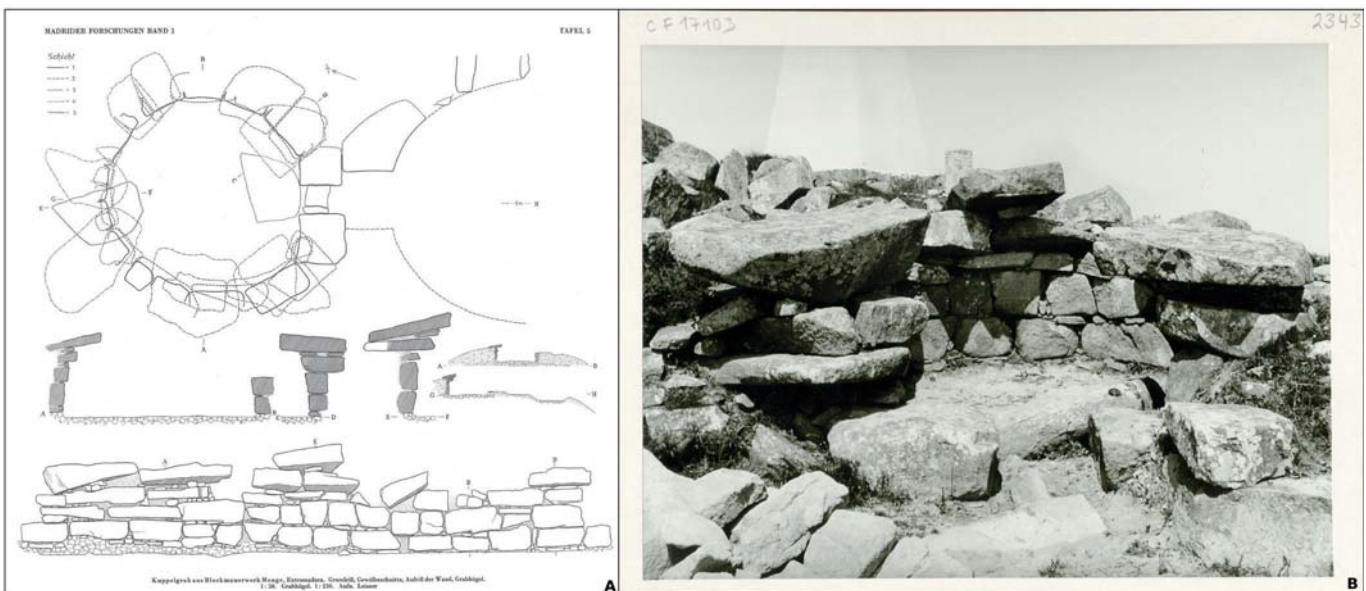


Fig. 5 – A) Representação gráfica do *tholos* do Monge publicada por Georg e Vera Leisner (1956, Tafel 5); B) – Câmara do monumento fotografada por Georg e Vera Leisner (1930 /1940) – Fotografia cedida pelo Arquivo Leisner/DGPC.

classificação crono-cultural do espólio que analisaram no Museu Geológico. Esta classificação assentava em três períodos, dos quais o mais antigo remontava ao que então se designava como “eneolítico”. A esta época os autores atribuíram os elementos em sílex, nomeadamente uma lâmina de secção triangular e uma outra de morfologia ovoide, para além de fragmentos de cerâmica lisa e campaniforme. A uma fase avançada dentro da Idade do Bronze pertenceria um conjunto diversificado de fragmentos cerâmicos sem decoração e fragmentos decorados com motivos incisos (losangos rodeados por linhas quebradas), alguns dos quais pertenceriam a uma grande taça. A série encerrava-se com um conjunto de cerâmica atribuída à Idade do Ferro (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957, p.7).

No entanto, a leitura da correspondência trocada entre Abel Viana e Octávio da Veiga Ferreira revela que o conteúdo do artigo publicado em 1957 não condiz com os objetivos inicialmente estabelecidos pelo primeiro investigador, especialmente no que se refere à cerâmica. Em carta datada de 19/07/1950 refere-se que o estudo se encontra quase concluído, estando então realizados os desenhos e as descrições das peças, faltando apenas completar cuidadosamente a introdução do trabalho (CARDOSO, 2002, p. 479). O carácter excessivamente sucinto da publicação não se conjuga com o período de quase cinco anos (entre julho de 1950 e maio de 1955) em que esta investigação aparece mencionada na referida troca epistolar. A observação dos materiais arqueológicos depositados no Museu Geológico permite identificar várias marcas do seu estudo e tratamento, nomeadamente numerações, colagens de fragmentos e anotações nas fraturas, que poderão estar associadas aos trabalhos dos investigadores citados.

Na obra *Construções Primitivas em Portugal*, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira (1969) no capítulo referente às construções de planta circular inteiramente em pedra (falsa cúpula) elaboram uma descrição sobre o “Túmulo do Monge”, não referenciada na maioria dos trabalhos arqueológicos posteriores. Estes investigadores valorizam o aspeto ciclópico, “*verdadeiramente megalítico desta estrutura*” (OLIVEIRA *et al.*, 1969, p. 154-155), sendo muito precisos na apresentação do aparelho, técnicas construtivas e detalhes métricos, e publicando uma fotografia geral do monumento. Nesta perspetiva mais arquitetónica e estrutural, as características métricas e estruturais do *tholos* do Monge não são consideradas um óbice à construção de uma falsa cúpula e a sua originalidade em relação a outros *tholoi* do Sul de Portugal, como Alcalar, é explicada pelas especificidades da matéria-prima e estrutura do aparelho utilizado e mesmo pela sua implantação topográfica.

No final da década de 1970 o *Grupo para o Levantamento das Manifestações Megalíticas e Paramegalíticas em Portugal*, constituído por alunos e professores de vários graus de ensino, entre os quais se destaca Álvaro Duarte Almeida, realizou o levantamento microtopográfico e o registo gráfico do *tholos* do Monge, publicando alguns dos cortes e alçados na Revista ArteOpinião (AAVV, 1980, p. 31-36). Este registo detalhado é um importante elemento para reafirmar o bom estado de conservação em que este monumento se encontrava na década de 1980 e avaliar o seu decaimento deste então.

Não obstante a monumentalidade evidenciada pela implantação e pela arquitetura do *tholos* do Monge, o seu estudo e publicação foi muito esparso nas últimas décadas, não se tendo desenvolvido mais trabalhos de escavação arqueológica, para além dos já citados, até à intervenção por nós realizada em 2021.

A utilização de grandes blocos e lajes de granito na construção deste monumento pré-histórico, “*característica específica do Estuário do Tejo e área costeira da Estremadura*” (LEISNER & LEISNER, 1956, p. 34), reforçou em muito a sua monumentalidade e o seu simbolismo, tornando-o um elemento arquitetónico singular na fachada atlântica da Península Ibérica. Assim, esta estrutura sólida e duradoura tornou-se uma referência para as comunidades locais, nomeadamente durante o 2.º milénio a. C. e possivelmente durante o seguinte.

Na Idade Moderna o *tholos* poderá ter sido utilizado também como abrigo por parte de monges eremitas associados ao Convento dos Capuchos, o que poderá explicar tanto os topónimos “Toca do Monge” ou “Guarita do Mouro” (BOLÉO, 1973, p. 82), como a escassez do espólio arqueológico pré-histórico aqui recolhido. Refira-se que em 1848 Filipe Folque designa o monumento em análise como “Casa do Monge” (FOLQUE, 1848, p. 306), o que poderá indiciar a presença de vestígios de um abrigo.

A reutilização deste monumento megalítico poderá associar-se ao seu bom estado de conservação, à proximidade ao Convento dos Capuchos (1200 m em linha reta), fundado em 1560, e, acima de tudo, à sua peculiar implantação num dos pontos mais altos da serra de Sintra, o que faz com que desfrute de uma grande visibilidade para o estuário do Tejo, para o Oceano e até para a serra da Arrábida. A utilização de estruturas megalíticas por monges eremitas é relativamente frequente desde a Idade Média, com diversos casos documentados noutras regiões do Sul de Portugal, como por exemplo no Alentejo (OLIVEIRA, 2001; BOAVENTURA *et al.*, 2014, p. 64; MATALOTO, 2020, p. 142-143). No caso específico da serra de Sintra há referências sobretudo à utilização de elementos naturais como grutas, penedos ou abrigos por eremitas desde o século XIII (Frei JERÓNIMO DE S. JOSÉ, 1789; GARCIA, 1997, p. 86), o que evidencia a importância espiritual e religiosa desta serra.

É importante referir que o conjunto de materiais arqueológicos enquadrados nas fases de ocupação mais recentes do monumento têm poucos elementos de construção, sugerindo a reduzida alteração estrutural, o que se ajusta às vivências dos monges capuchos da serra de Sintra, que mesmo no próprio convento reaproveitaram elementos e espaços naturais. Veja-se, a título de exemplo, a descrição da cela de Frei Honório de Santa Maria, localizada na cerca do convento, na Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida:

“A ultima Guardiania que teve, foy no Convento de Cintra (...) elegeo por cella huma cova, que está na Cerca, não como a de Melibeo toda frondosa, mas sim como aquella de que falla Quinciano, sombria, triste, e medonha, cuja horrorosa vista intimidada aos humanos para a verem, quanto mais para a habitarem. (...) A sua cama era huma cortiça, e huma pedra, ou paio lhe servia de cabeceira, sem outra alguma cobertura, com que se pudesse reparar dos frios, mais que a de dous grandes penedos, que lhe impedem a claridade.” (PIEIDADE, 1728, p. 783-784).

A construção e manutenção das estruturas geodésicas junto ao *tholos* do Monge, desde a segunda metade do século XIX, causou múltiplas afetações na área envolvente, contribuindo para o acentuar da erosão da mamoa e, eventualmente, de outras áreas do monumento. A abertura e utilização de diversos caminhos e veredas nesta elevação da serra de Sintra ao longo do século XX e inícios do século XXI também terá motivado a dispersão superficial de elementos pétreos na área envolvente do monumento, alguns com aspeto estruturado, bem como agravado a sua erosão.

A este mesmo período reportam-se muitas das formas de cerâmica comum e vidrada e de vidros recolhidas nesta intervenção que se relacionam com o transporte, preparação e consumo de alimentos e líquidos (tigelas, taças, testos, tachos, frigideira/sertã, cântaros, garrafas cilíndricas para vinho e copos cilíndricos com motivos lineares e vegetais), tendo uma larga perduração temporal (séculos XVII/XVIII ao XXI) e ajustando-se a utilizações temporárias (COSTEIRA & PORFÍRIO, 2022, p. 62-69).

Previamente ao início da intervenção arqueológica de 2021 o monumento encontrava-se quase totalmente envolvido por vegetação arbustiva e por árvores de grande porte, o que limitava a leitura e interpretação dos seus elementos arquitetónicos, bem como a visibilidade da paisagem circundante, principalmente para a vertente Sul da serra de Sintra.

4 – OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DO SÉCULO XXI

A intervenção arqueológica realizada no *tholos* do Monge nos meses de setembro e outubro de 2021 enquadrou-se no âmbito da recolha de informação para a elaboração do relatório prévio de diagnóstico do estado de conservação deste monumento e de desenvolvimento do respetivo projeto de conservação, restauro e valorização, sendo promovida pela Câmara Municipal de Sintra.

Em termos globais, os trabalhos arqueológicos consistiram na limpeza da vegetação que cobria as estruturas arquitetónicas do monumento e área envolvente (mamoá), escavação de quatro sondagens, levantamento topográfico da área total de intervenção e registo gráfico e fotográfico detalhado.

A realização de uma intervenção arqueológica num sítio com uma longa história de investigação, como o *tholos* do Monge, em que se utilizaram diferentes métodos de escavação e registo, exige o constante confronto dos dados obtidos no presente com a informação anteriormente compilada, publicada ou conservada em arquivos pessoais e institucionais. Na pesquisa dos arquivos seguimos muitas das pistas e percursos apresentados por Rui Boaventura na sua tese de doutoramento sobre as antas e o Megalitismo da região de Lisboa (BOAVENTURA, 2009).

A metodologia de escavação respeitou os princípios estabelecidos por P. Barker (1977) e E. Harris (1989), numerando-se sequencialmente as unidades estratigráficas de acordo com a ordem em que foram identificadas, as quais foram removidas na sequência inversa à sua deposição. O registo das unidades estratigráficas realizou-se com recurso a ficha descritiva, fotografia e desenho em planta, tendo-se elaborado ortofotografias georreferenciadas de diferentes fases da escavação arqueológica.



Fig. 6 – Vista geral do monumento após a limpeza da vegetação.

Todos os sedimentos recentes que se acumularam no interior das várias estruturas do monumento foram removidos manualmente, com ferramentas adequadas às condições do terreno e à elevada sensibilidade das estruturas e contextos arqueológicos. A escavação por sondagens e as condicionantes de conservação do monumento nesta fase dos trabalhos arqueológicos exigiram que se efetuasse a escavação parcial de alguns depósitos.

Os trabalhos de limpeza e escavação realizados no *tholos* do Monge permitiram identificar uma sequência estratigráfica, principalmente associada às ocupações contemporâneas deste sítio pré-histórico (séculos XIX e XX). De acordo com os objetivos traçados nesta fase dos trabalhos, e com o estado de conservação do sítio, foi possível definir e documentar algumas das estruturas pré-históricas deste monumento, mas não se registaram depósitos preservados desta cronologia.

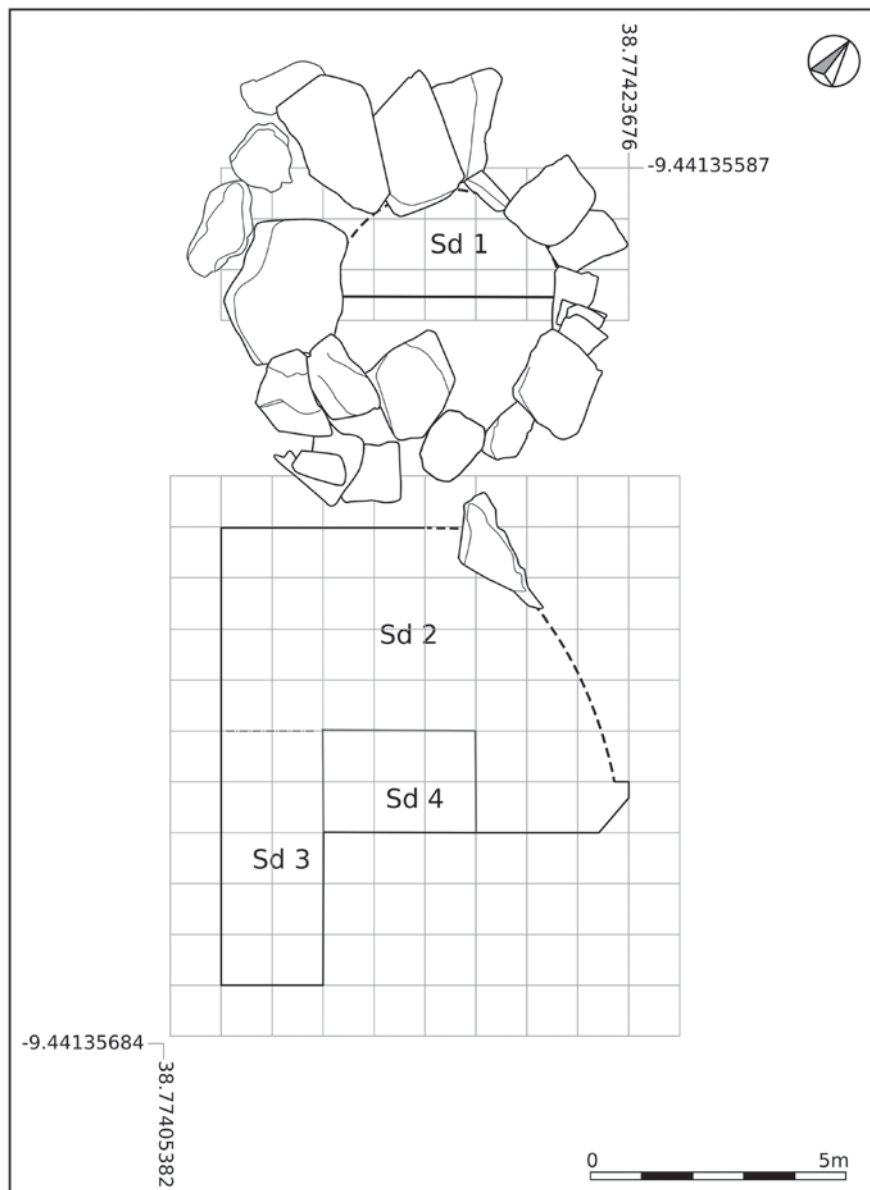


Fig. 7 – Áreas da intervenção arqueológica de 2021 no *tholos* do Monge.

4.1 – Câmara funerária – sondagem 1

Os trabalhos arqueológicos realizados na câmara funerária consistiram na escavação, até ao substrato geológico, da sua metade Norte (correspondendo a uma área de cerca de 8 m²), procedendo-se ainda à definição das paredes e da base desta estrutura.

Os sedimentos superficiais identificados no interior da câmara eram heterogêneos, relativamente compactos, com tonalidades castanhas-escuras, com muitos materiais orgânicos, nomeadamente raízes e vestígios de cinzas de fogueiras recentes e frequentes elementos pétreos de calibre diversificado que poderão corresponder aos calços dos grandes blocos que constituem a parede interna da câmara do *tholos* e que foram caindo naturalmente e/ou por ação antrópica ao longo do tempo. Na escavação destes sedimentos recolheram-se muitos materiais recentes, como fragmentos de vidro, garrafas, latas, caricas, plásticos, cerâmica, entre outros.

No lado Noroeste da câmara, próximo da parede e do grande bloco de granito tombado, identificou-se uma estrutura negativa [28] de planta circular, secção em U, com fundo ligeiramente côncavo e uma profundidade situada entre 0,50 e 0,60 m, escavada na área mais branda e deteriorada da rocha granítica de base. Os sedimentos que preenchiam esta estrutura embalavam alguns fragmentos de cerâmica comum contemporânea e de cerâmica manual, bem como algumas manchas de carvões, parecendo relacionar-se com as fases de ocupação modernas e contemporâneas deste monumento. Contudo, a reduzida expressão dos materiais arqueológicos identificados no interior desta estrutura não permite descartar completamente a hipótese de estar associada às ocupações pré-históricas do monumento. Refira-se que nos monumentos 2 e 4 da necrópole de Rubialillos, situada nas proximidades do povoado de Terrera Ventura (Almeria, Espanha), se identificaram estruturas negativas no interior das câmaras, associadas a ossos queimados (LEISNER & LEISNER, 1943; CALVÍN, 2019, p. 41). Por outro lado, a identificação de duas lajes de granito de grandes dimensões, dispostas na horizontal, na extremidade Sul da área escavada da estrutura negativa [28] reforça a possibilidade de estes elementos pétreos poderem documentar um possível pavimento da câmara.

Na área Sudeste e central da câmara a potência estratigráfica era reduzida devido às múltiplas utilizações deste espaço ao longo do tempo e ao efeito dos agentes erosivos. Nesta área o granito de base é mais consistente e difícil de trabalhar, sendo observáveis os veios e diáclases naturais, bem como vários vestígios de afeiçãoamento. Próximo do centro da câmara definiu-se uma pequena depressão, escavada no substrato, de planta ovalada irregular, paredes ligeiramente côncavas com pouca inclinação e fundo irregular, que poderá eventualmente relacionar-se com a construção da câmara ou com a sustentação da sua cobertura. Esta estrutura é cortada a Oeste pela estrutura negativa [28], o que reforça o desfaseamento cronológico entre estas duas estruturas negativas.

Na parede Norte da câmara, próximo da base identificou-se um nicho (u.e. [60]) escavado no substrato geológico, de planta ovalada, orientação Noroeste/Sudeste e fundo irregular. As paredes internas deste nicho correspondiam ao tardo da parede Este da câmara.

Na parede Oeste, sobre a estrutura [28], também se identificou um nicho [61] escavado no substrato geológico, atualmente obstruído por uma laje de granito que dificultou a sua descrição e registo. É possível que, à semelhança do nicho Norte, apresente uma planta ovalada, de orientação Este/Oeste e fundo irregular. Na bibliografia disponível sobre o *tholos* do Monge não se registam referências descritivas a estas realidades. No entanto, na fotografia do casal Leisner publicada em 1943 é possível vislumbrar o nicho da parede Oeste. Os levantamentos não publicados realizados no final do século XX e disponíveis no processo de arqueologia da Câmara Municipal de Sintra também documentam a existência destes nichos.

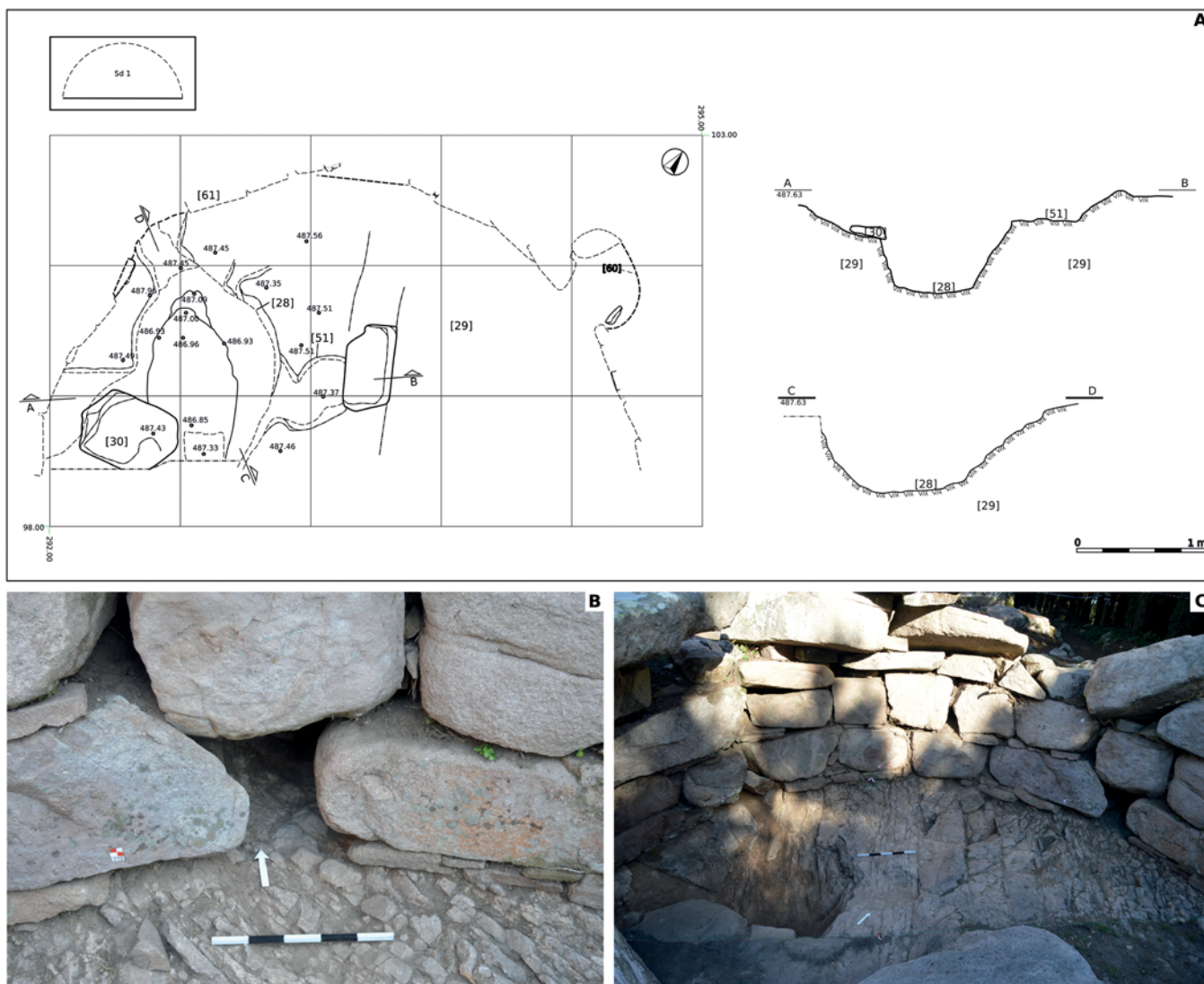


Fig. 8 – A) Sondagem 1: planta final da área intervencionada na câmara funerária e seções da estrutura escavada na sua base [28]; B) – Fotografia do nicho [60]; C) Fotografia da área intervencionada na câmara funerária no final dos trabalhos de escavação de 2021.

4.2 – Corredor – sondagem 2

A área do corredor encontra-se muito afetada pela erosão, por eventuais reutilizações do monumento em época moderna, pelas escavações do século XIX e pelas diferentes dinâmicas relacionadas com a frequência deste local ao longo do século XX e XXI.

Nesta área identificaram-se vários depósitos de elementos pétreos, de distinta morfologia e calibre, dispostos na horizontal ou em posição inclinada, que terão integrado a estrutura do monumento, tendo sido intencionalmente colocados, após o seu derrube, de modo a nivelar o espaço e permitir o acesso à câmara funerária. Muitos destes elementos foram depositados em momentos recentes do século XX, uma vez que se verificam diferenças significativas entre a situação atual e as fotografias disponíveis no Arquivo Leisner. Estes elementos pétreos eram intercalados por sedimentos de coloração castanha, relativamente compactos, que embalam frequente cascalho miúdo de granito, assim como alguns elementos pétreos de pequena e média dimensão, dispostos de forma irregular, e abundantes raízes de pequena dimensão. O material arqueológico



Fig. 9 – Sondagem 2: Vista geral da escavação do monumento.

aqui identificado era constituído por fragmentos de cerâmica manual, misturados com fragmentos de cerâmica comum, vidros, pregos e outros materiais modernos/contemporâneos. Estes sedimentos muito revolvidos foram identificados até ao substrato geológico, estando associados à escavação do corredor no século XIX e ao seu enchimento posterior.

No final da remoção dos sedimentos que preenchiam a área do corredor foi possível definir e registar a estrutura negativa [52], que corta o substrato geológico e corresponde à sua fundação. Esta estrutura apresenta uma planta linear, base alongada irregular com alguma inclinação e orientação Noroeste/Sudeste e pouca profundidade (entre 0,15 e 1,20 m). Os seus limites encontram-se bem definidos em todos os quadrantes, exceto a Sul, onde estão muito esbatidos.

No que se refere às paredes do corredor, apenas se conservam alguns vestígios no lado Este, que coincide com a fachada mais bem conservada do monumento. Na parede Este [11] registam-se três fiadas de lajes de granito de morfologia retangular, sobrepostas por um grande bloco de granito afeiçãoado, formando um canto, que nos registos gráficos dos Leisner é interpretado como o limite do corredor (LEISNER e LEISNER, 1956), o que lhe confere uma extensão muito restrita face à dimensão da câmara funerária. Encostada a esta parede, na área mais próxima da entrada, encontrava-se uma laje de granito [14] de grandes dimensões, tendencialmente retangular e em posição inclinada. Este bloco terá sido derrubado após a década de 1940, uma vez que nas fotografias do Arquivo Leisner se encontrava *in situ*, sobre a parede [11].

De acordo com este registo fotográfico e dada a necessidade de desbloquear a área do corredor para se proceder à sua escavação, optou-se por colocar a laje [14] na sua posição original. Esta ação foi realizada pela equipa de arqueologia e de conservação e restauro, tendo-se utilizado materiais que garantiram a proteção de todos os elementos da estrutura do monumento. Após a limpeza desta laje identificou-se na face principal um machado encabado, representação que encontra paralelos no machado representado na face A da estela menir do Monte da Ribeira, em Reguengos de Monsaraz, datada do final do último quartel do 4.º milénio ou da transição para o 3.º milénio a. C. (GONÇALVES, et al., 1997, p. 240, fig. 4; CALADO, 2005, vol. 2, p. 128, n.º 40) e nos machados do dólmen de Soto e de Alberite II (CARDOSO, 2022, p. 49).

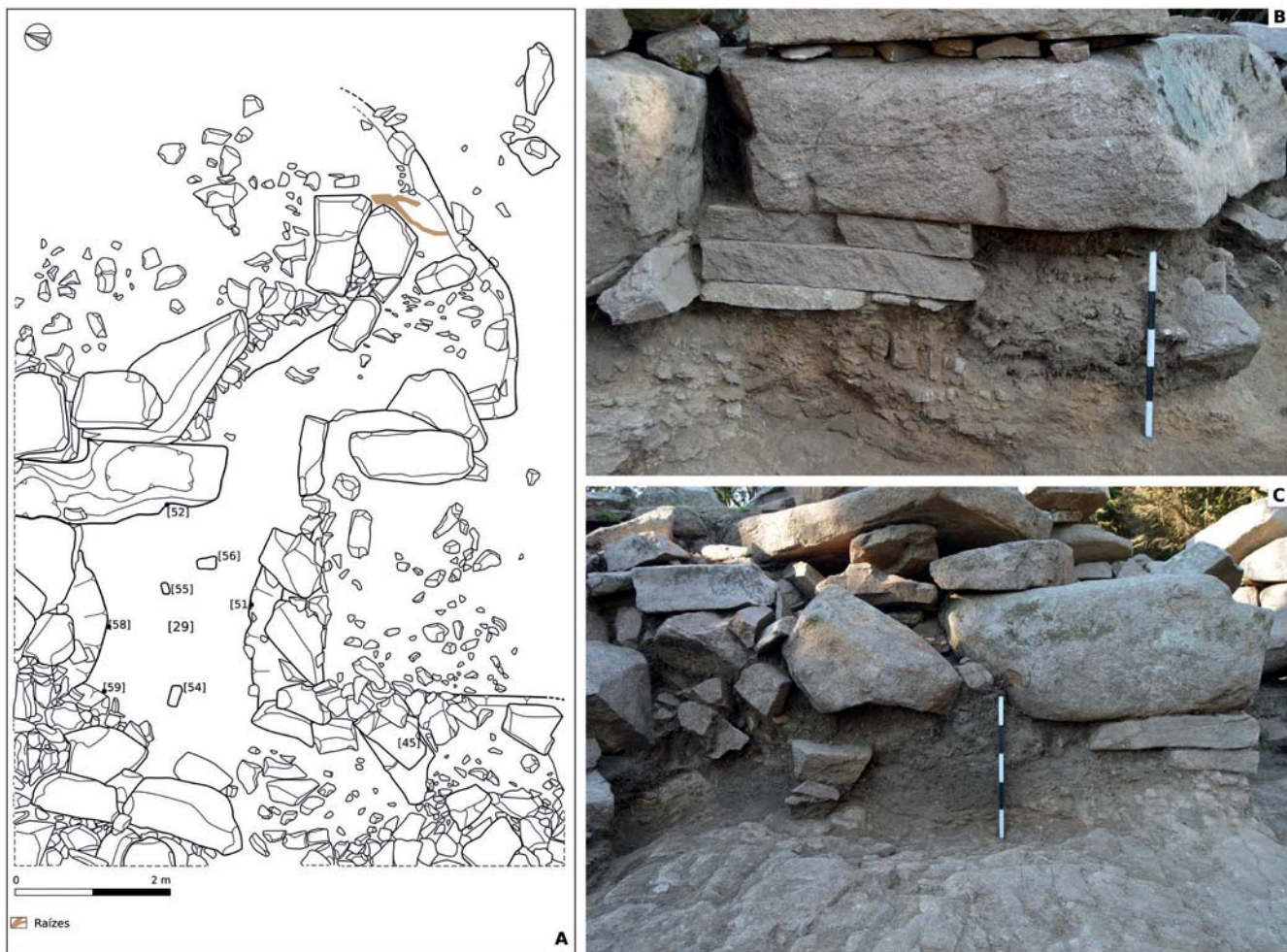


Fig. 10 – A) Planta final da área intervencionada no corredor – sondagem 2; B) – Fotografia pormenorizada da parede Este [11] do corredor; C) Fotografia da parede Oeste do corredor, vendo-se as lajes estruturadas do acesso à câmara e a parte perturbada desta área do monumento.

A parede Oeste do corredor foi completamente desmontada, não sendo possível indicar em que fase de utilização do monumento é que tal ocorreu. De facto, com os dados recuperados nesta intervenção não é ainda possível definir a extensão e a morfologia do corredor, sendo essa uma das questões a desenvolver em futuros trabalhos.

4.3 – Área exterior sul – sondagens 2; 3 e 4

A área exterior Sul do monumento foi subdividida em três sondagens, com ritmos de escavação diferentes, para um registo mais detalhado e para garantir a estabilidade do monumento nesta fase de diagnóstico.

A área de intervenção que se enquadra na sondagem 2, tal como o corredor, encontra-se muito afetada pela erosão, por eventuais reutilizações do monumento em época moderna, pelas escavações do século XIX e pelas diferentes dinâmicas de frequência ao longo do século XX, com especial destaque para a construção e derrube de uma estrutura pétrea tipo moroiço, bem como pela abertura e estruturação de caminhos.

No limite Oeste desta área documentou-se a presença de grandes blocos de granito, que poderiam fazer parte da mamoa para a sustentação da grande laje de cobertura [4], atualmente derrubada. O limite Este é constituído pela estrutura [11], estando mais bem conservado do que o Oeste. Na área central da sondagem 2, sob

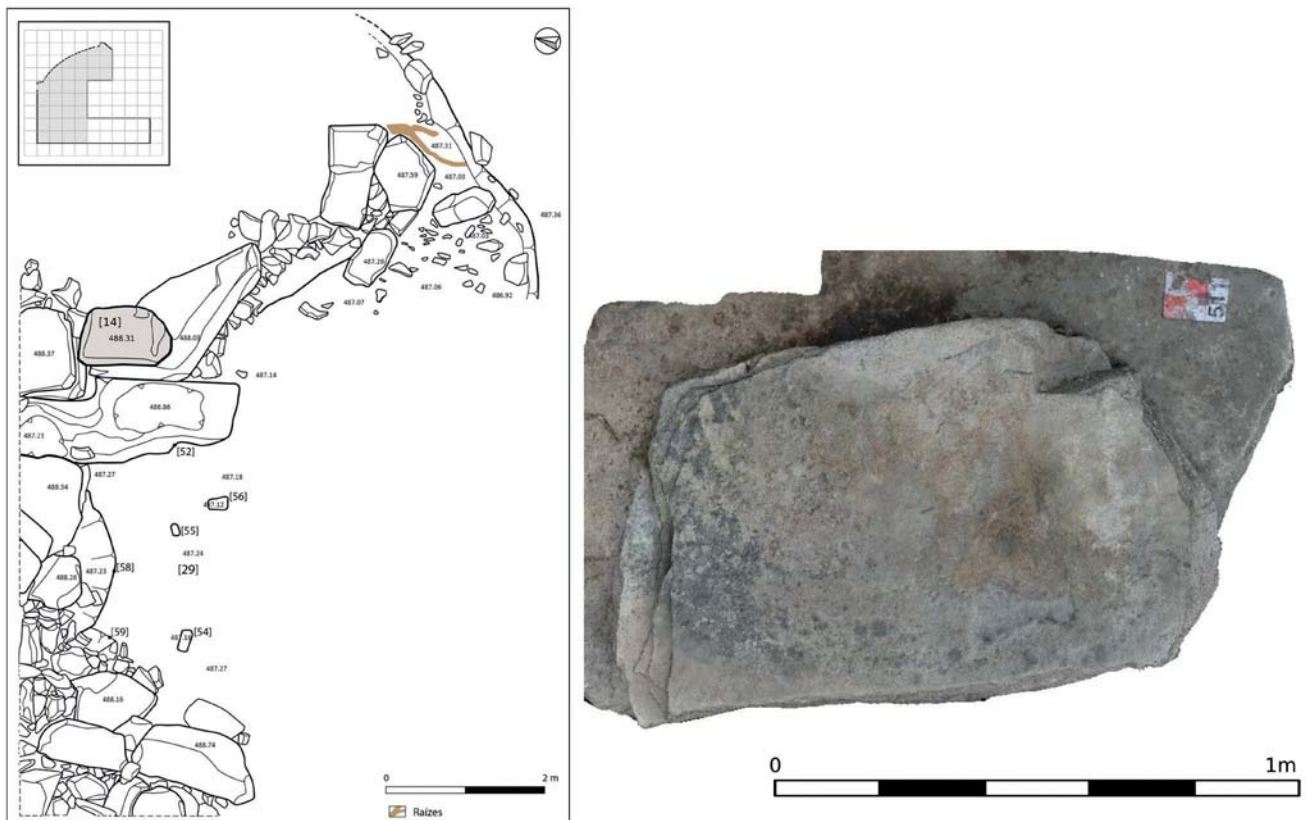


Fig. 11 – Localização da laje [14] e fotografia do motivo em forma de machado.

a camada superficial, identificaram-se um conjunto de derrubes constituídos por elementos pétreos de calibre e morfologia diversificada, dispostos na horizontal e em cutelo, embalados por sedimentos areno-humosos, soltos, de tonalidade castanha, que continham muitos fragmentos de materiais contemporâneos. A formação destes derrubes associa-se ao decaimento do monumento ao longo do século XX; a unidade estratigráfica [9] corresponde à desestruturação da mamoa e da parede [11]. As unidades estratigráficas [16] e [17], por sua vez, correspondem ao desmonte da mamoa e ao derrube de uma estrutura tipo moroiço, cujo traçado não é ainda possível definir, mas que também se identifica em algumas fotografias do Arquivo Leisner. Este moroiço poderia resultar de ações de limpeza realizadas na primeira metade do século XX, colocando-se a hipótese de muitos dos seus elementos pétreos integrarem originalmente a estrutura do *tholos*.

No limite Sul da sondagem 2 identificaram-se grandes blocos de granito de morfologia quadrangular e retangular, dispostos de forma irregular, que preenchem uma estrutura negativa [53] de planta semicircular irregular, com orientação Este/Oeste, de secção em “U”, paredes irregulares e com alguma inclinação. Esta estrutura foi definida numa área muito restrita, o que coloca sérios constrangimentos à sua interpretação. Por um lado, esta estrutura negativa pode corresponder à fundação do átrio do *tholos*, tendo uma configuração semi-circular como o registo dos Leisner sugere (LEISNER e LEISNER, 1956, Tafel 5). Por outro lado, a estrutura [53] pode estar associada ao desmonte da área sudoeste da mamoa, uma vez que está preenchida por derrubes constituídos por grandes blocos pétreos. Para a análise mais aturada desta estrutura é necessário aprofundar a escavação nesta área.

Na área da sondagem 2, mais próxima da fachada da câmara, identificaram-se várias estruturas negativas de pequena dimensão, com pouca profundidade e fundo irregular, com planta ovalada ([54] e [56]) ou circular



Fig. 12 – A) Estrutura pétrea tipo moroiço – Fotografia de Georg e Vera Leisner cedida pelo Arquivo Leisner/DGPC; B) – Derrube do corredor [16]; C) Derrube da estrutura de tipo moroiço.

[55], que cortam o substrato geológico e que podem corresponder a buracos de poste, eventualmente associados à construção/utilização do *tholos* ou a fases de remodelação e ocupação mais recentes. As estruturas negativas [58] e [59] apresentam planta ovalada alongada e sub-retangular, respetivamente, e pouca profundidade, podendo corresponder aos alvéolos de grandes blocos de granito que faziam parte da estrutura do monumento. A identificação, ainda que parcial, destas estruturas e uma vez que não foi possível registar os seus limites meridionais, reforça o argumento de que esta área sofreu uma grande afetação.

Na extremidade Sudeste da sondagem 2 não se removeram integralmente os sedimentos, não se tendo atingido o substrato geológico, o que impediu a definição global da fachada Este do *tholos* do Monge.

A sondagem 3 localiza-se na extremidade Sudoeste da área de intervenção, tendo como limite o alinhamento de pedras fincadas [44] constituído por blocos e lajes de granito de média e grande dimensão de morfologia retangular, dispostos na horizontal. Este alinhamento prolonga-se para Este e pode estar relacionado com os caminhos de acesso ao monumento.

Após a remoção das terras superficiais identificaram-se derrubes constituídos por conjuntos de elementos pétreos (blocos e lajes) de calibre e morfologia diversificada, dispostos de forma irregular, alguns dos quais numa posição sub-horizontal e outros em cutelo, associados às camadas de derrube identificadas nas sondagens 2 e 4. A unidade estratigráfica [19] apresentava-se mais estruturada, sendo constituída por blocos de granito de maiores dimensões, com uma planta circular e orientação Noroeste/Sudeste, parecendo estar relacionada com a delimitação de caminhos nas imediações do monumento.

Em algumas áreas restritas da sondagem 3, sob as espessas camadas de derrubes, identificaram-se alguns depósitos, como as unidades estratigráficas [43] e [46], com conjuntos expressivos de fragmentos de cerâmica manual pré-histórica, principalmente bojos e bordos exvertidos, que podem indiciar a eventual preservação de contextos arqueológicos em profundidade.

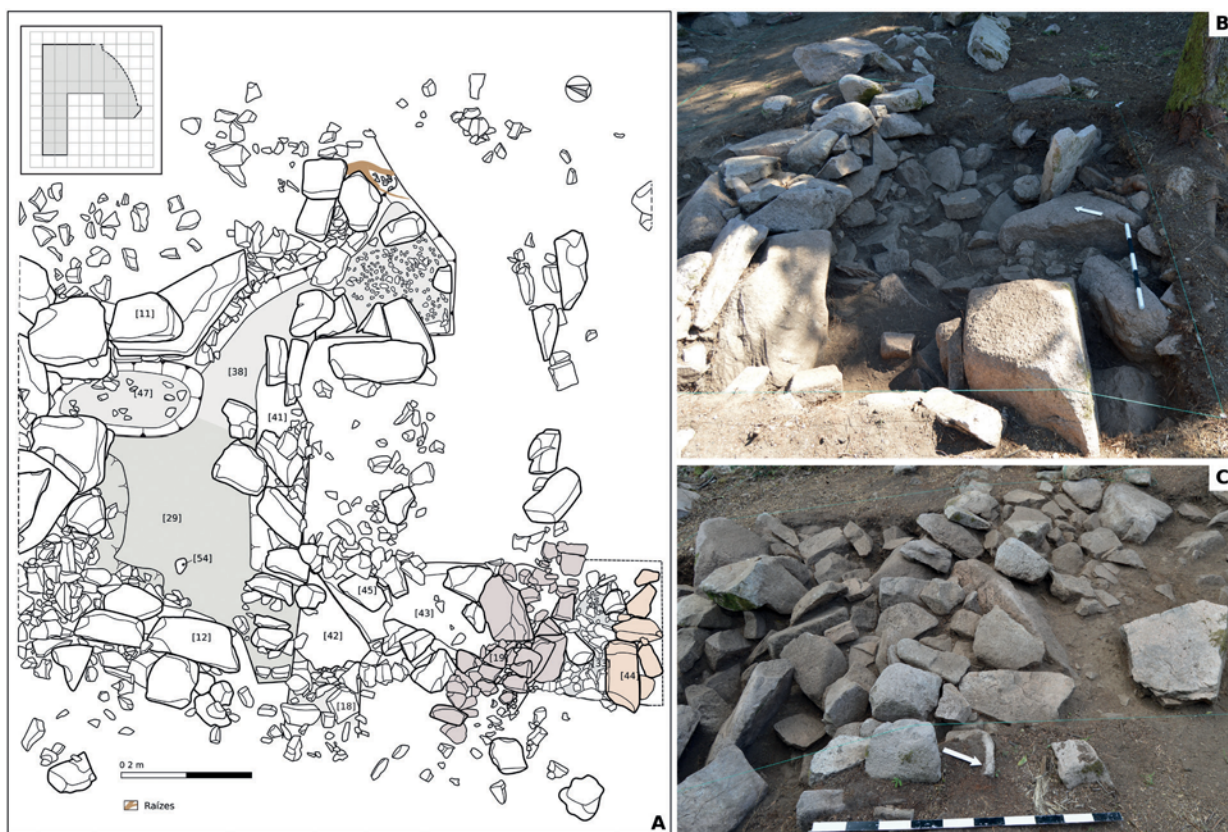


Fig. 13 – A) Plano da área intervencionada na sondagem 2 e 3 no final dos trabalhos de escavação de 2021; B) – Alinhamento de pedras fincadas [44]; C) Estrutura pétreia [19].

A sondagem 4 localiza-se a Sul da sondagem 2, tendo sido realizada com o objetivo de definir e registar de forma mais ampla os derrubes associados à estrutura tipo moroiço [17], bem como os limites da estrutura negativa [53].

Sob a unidade estratigráfica superficial identificou-se a unidade estratigráfica [67], que poderia corresponder ao derrube da estrutura tipo moroiço [17] identificada na sondagem 2, sendo equivalente à unidade estratigráfica [18] registada na sondagem 3. Como já referimos, a erosão e derrube deste moroiço contribuiu para a dispersão irregular de diversos elementos pétreos na área exterior Sul do *tholos*.

Na extremidade Sudoeste desta sondagem, junto à laje de granito [45], identificou-se o sedimento [68] de coloração castanha, semi-compacto, de grão fino, com algumas raízes, que embala frequentes fragmentos de cerâmica pré-histórica, principalmente bordos, uma ponta de seta e um resto de talhe em sílex. Nesta fase dos trabalhos não foi possível proceder-se à escavação integral deste sedimento, o que dificulta a definição da sua relação estratigráfica com as unidades estratigráficas [69] e [70], bem como complexifica a sua interpretação. Contudo, na área limite entre a sondagem 3 e 4, verifica-se que o depósito [68] é equivalente a [43], sendo coberto pela grande laje [45]. Apesar dos constrangimentos na interpretação deste contexto, as características dos sedimentos e a presença expressiva de materiais pré-históricos pode indiciar a existência de estratigrafia preservada na área exterior do monumento, sob as espessas camadas de derrube.

Em toda a área da sondagem 4 e no limite da sondagem 2, sob a unidade estratigráfica [67], identificou-se a unidade estratigráfica [69] que corresponde a um conjunto de grandes blocos de granito dispostos na

horizontal e sub-vertical, mas sem organização aparente, associados ao grande bloco de granito [45]. Estes elementos pétreos parecem encher a estrutura negativa [53], resultando do desmonte parcial do corredor e da mamoa do monumento e podendo mesmo incluir alguns elementos pétreos da câmara. A formação deste derrube pode estar associada a reutilizações da área exterior do monumento em cronologia ainda difícil de precisar ou mesmo à escavação do século XIX. De facto, com os poucos dados disponíveis parece-nos que Carlos Ribeiro terá identificado a área exterior do monumento já parcialmente desmontada, mas a ação de escavar e retirar os grandes blocos então derrubados terá dado origem a novos derrubes, que se vão afastando da entrada do monumento.

Na definição dos grandes blocos de granito que constituem o derrube [69] identificou-se o sedimento [70], areno-argiloso e semi-compacto, relativamente homogéneo e de coloração castanha-amarelada, que embala frequente cascalho miúdo e blocos de granito de pequena dimensão, bem como algumas raízes. É provável que este sedimento, à semelhança do que foi registado na sondagem 3, esteja a cobrir o substrato geológico. Para clarificar a interpretação dos contextos identificados é necessário alargar a sondagem 4 para Sul e continuar a escavação em profundidade.

No final dos trabalhos de escavação e registo foram aplicadas medidas de conservação preventiva no *tholos* do Monge, nomeadamente a cobertura das áreas escavadas na câmara, corredor e sondagens exteriores com tela solo e geotêxtil, e pedras de pequena e média dimensão retiradas durante os trabalhos de escavação, com o objetivo de proteger temporariamente as estruturas e depósitos arqueológicos identificados.



Fig. 14 – Sondagem 4: Derrube constituído por grandes blocos e lajes de granito [69] e estrutura escavada no substrato geológico [53].

5 – ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS

Os trabalhos de limpeza e escavação realizados permitiram registar e descrever de forma mais pormenorizada as características arquitetónicas e estruturais do *tholos* do Monge, esclarecendo algumas das ideias expressas na bibliografia.

O monumento do Monge é constituído por uma câmara, corredor e, eventualmente, um átrio, sendo a sua base ligeiramente escavada na rocha, aproveitando uma depressão natural e as diáclases existentes no granito. A matéria-prima preferencialmente utilizada neste monumento são grandes blocos e lajes de granito, o que lhe confere um aspeto “ciclópico”. De acordo com a tipologia proposta por Ana Catarina Sousa, o *tholos* do Monge enquadra-se na categoria 1.3 câmara totalmente em falsa cúpula e corredor tipo muro, a par do *tholos* do Barro e da Tituaria (SOUSA, 2016, p. 220).

A câmara deste monumento apresenta uma morfologia circular, com 4,5 m de diâmetro, paredes verticais de alvenaria seca constituídas por grandes blocos e lajes de granito afeixoadas de morfologia sub-quadrangular e sub-retangular, dispostos na horizontal, travadas por pedras de pequena dimensão, constituindo cinco fiadas com cerca de 2,50 m de altura na área mais bem preservada. Para regularizar a base desta estrutura colocaram-se lajes de granito de pequena dimensão e morfologia retangular. Alguns dos grandes blocos que constituíam as fiadas superiores das paredes encontram-se deslocados da sua posição original, localizando-se sobretudo na área exterior do monumento. A comparação da situação atual do monumento com os registos gráficos e fotográficos disponíveis entre o final do século XIX e o início do século XXI permite constatar que alguns dos elementos pétreos em falta na parede da câmara foram derrubados na primeira década deste século. O bloco de granito de morfologia ovalada derrubado no lado Sul da câmara, junto à entrada, é um bom exemplo da situação referida. Durante os trabalhos realizados nesta intervenção a equipa de arqueologia e de conservação e restauro considerou pertinente a colocação deste bloco na sua posição original, de modo a facilitar o acesso à câmara, bem como consolidar a sua parede Este.

Na câmara identificaram-se dois nichos, geometricamente estruturados, junto à base das paredes Norte e Oeste, escavados no substrato geológico e com planta genericamente ovalada. O nicho da parede Norte encontra-se mais bem preservado, apresentando 56 cm de largura máxima e 58 cm de comprimento, e as paredes forradas com lajes de granito. O nicho da parede Oeste foi mais difícil de definir, porque estava obstruído por uma laje de granito e mais desgastado pela escavação da estrutura negativa [28]. No interior dos nichos não se identificaram materiais pré-históricos. Os nichos identificados na câmara do *tholos* do Monge apresentam algumas semelhanças com os do *tholos* de Alcalar 9. Sendo de referir que em ambos os monumentos os nichos não foram documentados nas primeiras escavações (confrontar a figura 18 de ROCHA, 1904 e a estampa 18 de LEISNER & LEISNER, 1943 com a figura 2 de MORÁN, 2015, p. 535).

No centro da câmara identificou-se uma depressão escavada no substrato geológico, pouco profunda e de planta ovalada irregular, com 51 cm de diâmetro, que pode corresponder a um buraco de poste associado à construção da câmara e/ou sustentação da laje de fecho da cobertura, à semelhança do *tholos* Cardim 6 (VALERA *et al.*, 2019, p. 13) ou A-dos-Tassos (MARTINS, 2014). As estruturas negativas localizadas no centro das câmaras dos *tholoi* e interpretadas como buracos de poste são muitas vezes descritas de forma imprecisa, sendo poucos os dados quantitativos (no que se refere à profundidade e diâmetro) disponíveis. Esta questão merece um aprofundamento em futuros trabalhos.

A cobertura desta câmara era formada por blocos e lajes de granito de grandes dimensões e morfologia tendencialmente retangular, semelhantes aos elementos pétreos que constituem as paredes, dispostos na horizontal, avançando gradualmente e de forma irregular para o interior. Atualmente conservam-se duas grandes



Fig. 15 – Vista geral da depressão [51], escavada no substrato geológico e localizada no centro da câmara (sondagem 1).

lajes de granito da cobertura ainda *in situ*, na parede Oeste e Norte. Tal como referido para a parede da câmara, a degradação da cobertura do monumento também se intensificou na primeira década do século XXI, com o derrube das grandes lajes [4] e [63] para o interior da câmara, uma vez que nos registos fotográficos de Georg e Vera Leisner nas décadas de 1930/1940 apenas se observa um bloco derrubado no interior da câmara.

Para calcular a altura da câmara do *tholos* do Monge utilizamos a proposta apresentada pelo casal Leisner (LEISNER & LEISNER, 1943, p. 301-302), que refere que a proporção entre o diâmetro da base da câmara e a sua altura é tendencialmente de 1:1. Assim, a altura máxima no centro da câmara do *tholos* do Monge seria de cerca de 4 a 5 m, valor semelhante ao proposto para o *tholos* do Paimogo (GALLAY, et al., 1972, p. 18).

De acordo com as descrições das estruturas circulares inteiramente em pedra realizadas por Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira (OLIVEIRA, *et al.*, 1969), as fiadas de cobertura seriam irregulares e exteriormente a cúpula teria uma morfologia achatada, estando coberta por terra e cascalho solto com o intuito de colmatar as fendas e assim permitir a consolidação de todo o aparelho. Nas estruturas de granito os elementos pétreos que constituíam as cúpulas eram mais possantes e irregulares, o avanço das fiadas era maior e o aparelho mais robusto e totalmente em pedra, o que se ajusta às características do *tholos* do Monge.

A possível morfologia achatada/aplanada da cúpula do *tholos* do Monge poderia assemelhar-se à proposta apresentada para alguns monumentos de grandes dimensões da região de Almeria (LEISNER & LEISNER, 1943, p. 295; BLANCE, 1971; CALVÍN, 2019; CALVÍN, *et al.*, 2020).



Fig. 16 – Perspetiva da fundação do corredor do *tholos* do Monge (sondagem 2 – unidade estratigráfica 52).

Como já referimos, a área do corredor do *tholos* do Monge encontra-se muito afetada por ações posteriores à sua edificação que terão contribuído para a fragmentação e remoção dos elementos pétreos que estruturavam o corredor, sobretudo no caso da parede Oeste.

Com os novos dados obtidos a partir da escavação arqueológica foi possível definir a fundação do corredor. Este apresenta uma morfologia genericamente rectangular, com cerca de 2,70 de comprimento por 1,06 m de largura (no tramo mais próximo do acesso da câmara) e 0,73 m de largura (no tramo mais afastado), possui 0,43 m de altura após a limpeza inicial e cerca de 0,89 m de altura no final da intervenção. Estas características métricas aproximam-se das apresentadas por Vera Leisner em 1965, que referia que o corredor tinha 2,20 m de comprimento por 0,70 m de largura junto à câmara e 1,40 m no início do átrio, e 0,50 m de altura, mas afastam-se significativamente das de Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880, p. 75-76), que descreve o corredor com 1,0 m de comprimento por 0,50 m de largura. A área que Carlos Ribeiro define como corredor correspondia ao primeiro segmento de acesso à câmara e seria coberto por uma grande laje que desde as décadas de 1930/1940 se encontra tombada na área Sul do interior da câmara.

Com a exiguidade da escavação realizada no limite Este da sondagem 2, área na qual se identificou a fundação do corredor, não estamos certos de ter definido a extensão máxima deste elemento arquitetónico, colocando-se a hipótese, tal como o desenho de Georg e Vera Leisner de 1956 sugere, da fachada do monumento e respetivo acesso se desviar para sudeste. De qualquer forma, com um comprimento mínimo de 2,70 m, o corredor do *tholos* do Monge aproxima-se do de outros monumentos da mesma tipologia como o

tholos 1 da Horta João Moura 1 (CORGA, 2022, p. 55) ou Alcalar 9 (MORÁN, 2015, p. 536), bem como dos valores médios apresentados por Cabrero Garcia (1985, p. 223-235) para os monumentos do Sul de Espanha, ajustando-se melhor à dimensão da câmara funerária.

A base do corredor do *tholos* do Monge é irregular, acompanhando a pendente da elevação, e por isso possui cotas mais baixas à medida que se afasta da câmara funerária. As paredes do corredor encontram-se muito afetadas, particularmente a do lado Oeste. Na parede Este registaram-se três fiadas de lajes de granito de pequena e média dimensão, sobrepostas por um grande bloco afeiçoado da mesma litologia, que forma um canto, mas que não coincide com o limite da interface que estruturava a base do corredor.

Apesar dos dados obtidos com os trabalhos de escavação ainda não serem suficientes para reconstituir a parede Oeste do corredor, a presença de portentosos blocos de granito no derrube [69], localizado no limite da sondagem 2 e na sondagem 4, sugere que alguns destes blocos poderiam fazer parte desta estrutura. Assim, poderíamos ter uma situação semelhante à registada no *tholos* da Tituaria (CARDOSO, *et al.*, 1996, p. 152), em que as paredes do corredor eram constituídas por elementos pétreos de calibre diversificado.

O *tholos* do Monge está genericamente orientado para Sul (152° de acordo com os cálculos de Hoskin, 2001), à semelhança do *tholos* do Barro (BOAVENTURA, 2009, p. 203). A continuação dos trabalhos na área Sudeste do monumento tornarão possível aprofundar esta questão no futuro. A interpretação da orientação dos monumentos megalíticos é frequentemente associada a padrões astronómicos (HOSKIN, 2001), no entanto, poderá também ter uma explicação funcional e mesmo simbólica. No caso do *tholos* do Monge a orientação para Sul/Sudeste garante o eficaz escoamento das águas pluviais, devido à natural inclinação, bem como o excelente domínio visual da paisagem para este quadrante, controlando a sucessão de elevações e todo cenário marítimo que se desenvolve de Cascais à desembocadura do Tejo e que se alonga até à serra da Arrábida.

A área Oeste da sondagem 2 corresponde ao espaço designado por Carlos Ribeiro como “*vestíbulo descoberto ou galeria*”, com uma largura máxima de 6,5 m e planta irregular (RIBEIRO, 1880, p. 74), e pelos Leisner como “*vorhöfe*” (antepátio ou adro, compartimento fora da mamoa), de morfologia semicircular mas sem descrição de limites nem características métricas (LEISNER & LEISNER, 1943, p. 287; 1956, p. 80-81; LEISNER & LEISNER, 1943, p. 19; LEISNER, 1965, p. 83). Os trabalhos de escavação realizados não permitiram identificar esta estrutura. Os resultados obtidos com a intervenção na área Oeste da sondagem 2 parecem associar-se a reutilizações mais recentes deste elemento patrimonial, bem como à estrutura da mamoa.

Em termos arquitetónicos, não faz sentido que a área do átrio ou adro se localize próximo da câmara funerária, mas sim antes do corredor, não se integrando na mamoa. Assim, face à incerteza dos limites reais do corredor deste *tholos* torna-se necessário alargar a área de intervenção para Sul e para Este, espaço expectável de localização destes compartimentos (CALVÍN, *et al.*, 2022, p. 89).

A área da mamoa do *tholos* do Monge, tal como referido pelo casal Leisner em 1956 (LEISNER & LEISNER, 1956, p. 33) foi muito afetada pelas diversas utilizações do monumento ao longo do tempo, com especial ênfase para a construção do marco geodésico e para as transformações no coberto arbóreo da serra de Sintra. Os trabalhos realizados na mamoa do monumento confirmaram esta afetação. Na zona Norte registou-se a presença de alguns blocos de granito de grandes dimensões cuja relação com as estruturas pré-históricas não é totalmente esclarecedora, podendo associar-se ao desmonte do afloramento granítico, existente no local, aquando da construção dos vértices geodésicos. Na área Oeste ficou bem visível a extensão e orientação do maciço rochoso granítico que se desenvolve, aproximadamente, segundo um eixo Norte-Sul. A relativa proximidade deste elemento geológico à câmara do *tholos*, indica que a sua implantação e construção terá sido cuidadosamente pensada e adaptada às características fisiográficas locais.

Nas áreas exteriores Oeste e Norte da câmara identificou-se a presença de vários monólitos, localizados no tardo das lajes que formam a falsa cúpula, que parecem assentar sobre um nível pétreo relativamente compacto e que deverão corresponder ao contraforte da parede da câmara funerária. O fato de um destes blocos pétreos assentar diretamente sobre a parte traseira de uma das lajes da falsa cúpula indica que poderão ter funcionado como contrapeso, assegurando a estabilidade da cobertura.

O setor Este da mamoa foi bastante desgastado pelo caminho de acesso ao monumento, cuja utilização resultou no rebaixamento da superfície de circulação relativamente às áreas imediatamente envolventes. Alguns troços deste caminho encontravam-se delimitados por blocos de granito fincados no terreno. O montículo identificado após a limpeza desta área pode estar associado à acumulação de sedimentos resultantes das várias intervenções arqueológicas realizadas no monumento, não se excluindo totalmente a presença de vestígios da estrutura original.

O sector Sul da mamoa evidenciava também muitas alterações, identificando-se à superfície alguns elementos pétreos, aparentemente estruturados, e grandes concentrações de lajes e blocos pétreos de calibre diversificado dispostos de forma caótica. Assim, a intervenção realizada não permitiu ainda documentar os limites da mamoa nem as suas características construtivas neste sector.

A mamoa deste monumento é constituída por uma amálgama de blocos pétreos de pequeno, médio e grande calibre, com morfologias quadrangulares, retangulares e irregulares, envolvidos por um depósito argilo-arenoso, de tonalidade castanho-clara, com nódulos e areias amareladas resultante da desagregação do granito, o que lhe confere um aspeto granuloso, com significativas semelhanças com alguns monumentos irlandeses como Carrowkeel (MACALISTER et al, 1912; KADOR *et al.*, 2018). Em termos métricos, se seguirmos a proposta apresentada por M. Calvin e colaboradores (CALVÍN *et al.*, 2022, p. 88) o diâmetro da mamoa do *tholos* do Monge pode enquadrar-se entre os 9 m e os 14 m, não excedendo os 16 m (LEISNER & LEISNER, 1943, p. 324).

6 – MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

O conjunto de fragmentos de cerâmica pré-histórica recolhidos na escavação do *tholos* do Monge é composto por 265 elementos, dos quais 231 correspondem a bojos e 31 a bordos, maioritariamente de dimensões reduzidas. Dos 31 fragmentos classificáveis regista-se um predomínio dos recipientes tipo taça (29 elementos), especialmente as variantes que apresentam bordo espessado exvertido (21 elementos), apenas três bordos de tigelas de bordo espessado e um fragmento de prato de bordo espessado.

Os fragmentos de bordo espessado apresentam fortes semelhanças com os materiais recolhidos e publicados por Gordon Childe na sua visita ao *tholos* do Monge (CHILDE, 1950, p. 9, fig. 1) e com algumas peças recolhidas por Carlos Ribeiro e conservadas no Museu Geológico (RIBEIRO, 1880, p. 77; LEISNER, 1965, estampa 67).

Este conjunto de fragmentos de cerâmica pré-histórica apresenta pastas maioritariamente compactas e homogéneas, com frequentes elementos não plásticos de pequeno e médio calibre. As cozeduras redutoras são predominantes, com vários fragmentos com indícios de arrefecimento em ambientes oxidantes. No que se refere ao tratamento de superfície, a maioria dos fragmentos apresenta a superfície interna e externa alisada, registando-se em algumas peças vestígios de aguadas de tonalidade avermelhada ou acinzentada. Assim, apesar do nível de fragmentação do conjunto, que condiciona a análise tipológica e métrica, a maioria dos fragmentos apresenta superfícies com bom estado de conservação.

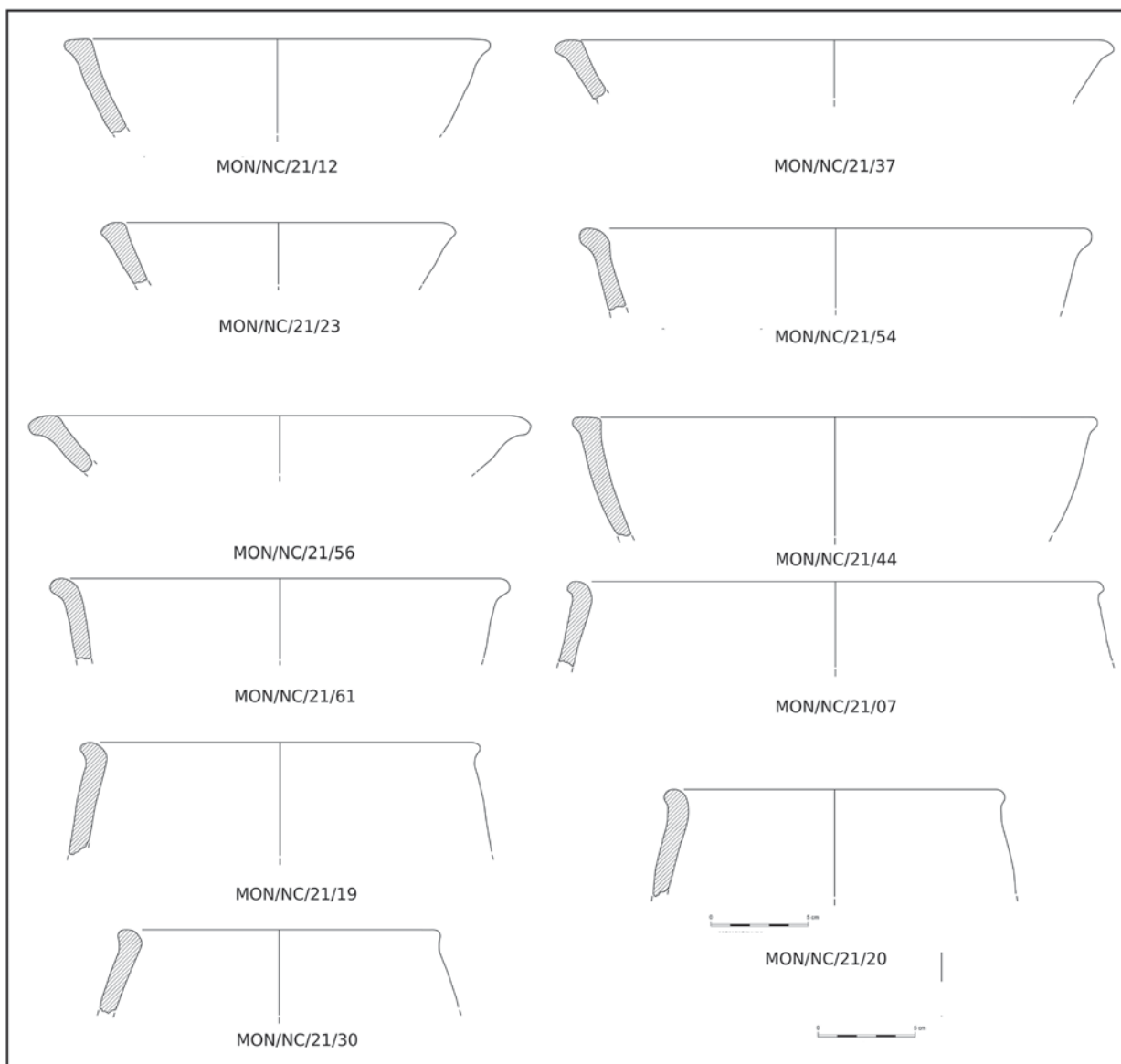


Fig. 17 – Cerâmica pré-histórica sem decoração recolhida na intervenção de 2021 (Desenhos de Ana I. Neves).

A presença de decoração identifica-se num total de 15 fragmentos, maioritariamente bojos (13 elementos), correspondendo a 6% do total de fragmentos recolhidos. A grande expressão de bojos decorados não permite a classificação formal da maioria destes recipientes. No que se refere aos motivos e composições decorativas registam-se 6 fragmentos com caneluras horizontais, três fragmentos com conjuntos de linhas incisas e quatro fragmentos com decoração campaniforme.

Com exceção da peça MON/NC/21/5, que corresponde a uma taça de bordo espessado tipo Palmela com decoração campaniforme no lábio (motivo reticulado) e na superfície externa (três bandas constituídas por pequenas linhas na vertical, delimitadas por linhas horizontais, associadas a duas bandas impressas, com pequenas linhas quebradas que formam triângulos), os restantes fragmentos com decoração campaniforme correspondem a bojos de pequenas dimensões: dois com motivos pontilhados (MON/NC/21/10 e MON/

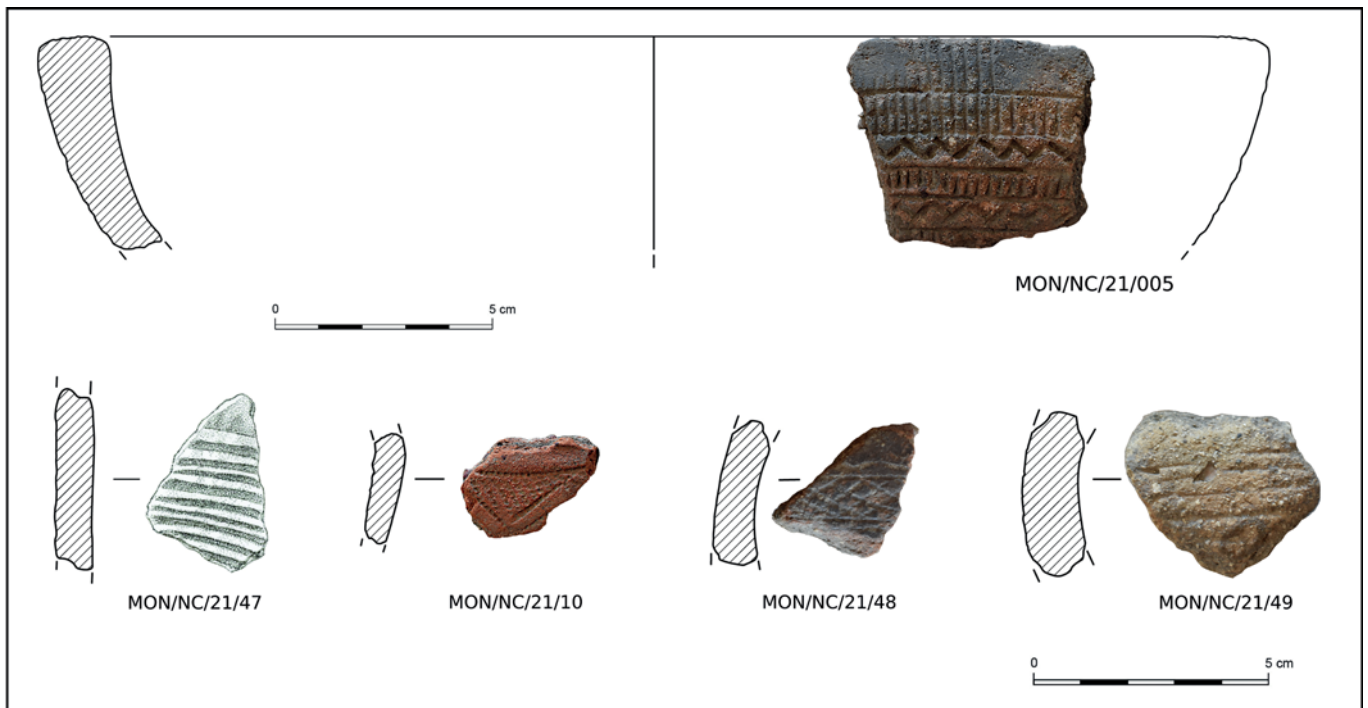


Fig. 18 – Recipientes cerâmicos pré-históricos decorados provenientes da intervenção de 2021 (Desenhos de Ana I. Neves).



Fig. 19 – A) Fragmento de taça de bordo espessado tipo Palmela n.º MON/NC/21/5;
B) O fragmento anterior no seu contexto estratigráfico; C) Ponta de seta n.º MON/NC/21/63.

NC/21/33) e um com motivo impresso reticulado (MON/NC/21/48). Este pequeno conjunto reforça a quantidade e variedade de recipientes campaniformes recolhidos no *tholos* do Monge (13) e já conhecidos na bibliografia (Leisner, 1965, estampa 65).

O fragmento MON/NC/21/13 corresponde a um prato de bordo espessado decorado na superfície interna, com motivo canelado em espinha formando losangos lisos, muito semelhante ao prato com decoração no interior publicado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880, p. 77, fig. 81) e Vera Leisner (LEISNER, 1961 a e 1961 b; 1965, estampa 66, fig. 22).

As características morfológicas e tecnológicas dos materiais recolhidos nesta intervenção no *tholos* do Monge assemelham-se ao conjunto de fragmentos cerâmicos recuperados no final do século XIX (RIBEIRO, 1880, p. 76-77; CHILDE, 1950, p. 8-9; LEISNER, 1961 a; 1961 b; 1965), enquadrando-se cronologicamente em

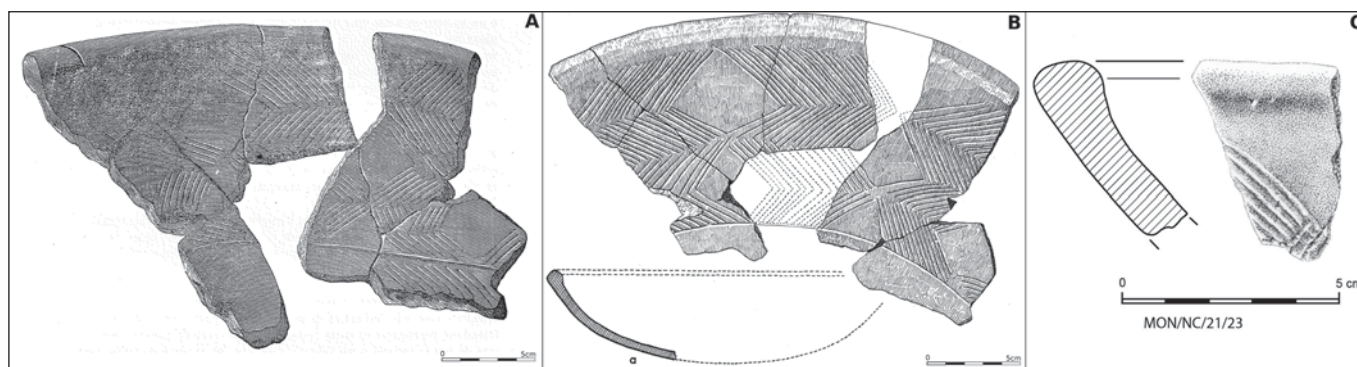


Fig. 20 – A) Prato com decoração no interior publicado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880, Fig. 81; B) O mesmo recipiente representado por Vera Leisner (LEISNER 1961 a, Fig. 2; 1965, Tafel 66, fig. 22); C) O fragmento de prato de bordo espessado decorado na superfície interna n.º MON/NC/21/13, desenhado por Ana I. Neves.

várias fases do 3.º milénio a.C. Contudo, é importante salientar que o conjunto de materiais cerâmicos recolhidos na primeira intervenção arqueológica é composto por 56 fragmentos, dos quais 43 são decorados e 9 recipientes inteiros ou integralmente reconstituíveis, dos quais quatro correspondem a taças em miniatura.

A grande quantidade de bojos identificados em 2021, a par da presença expressiva de bordos sem decoração, indicia que estes materiais poderiam corresponder a descartes da intervenção do século XIX, uma vez que no conjunto de materiais conservado no Museu Geológico apenas se identificam 13 fragmentos não decorados. Esta hipótese é também reforçada pela reduzida dimensão dos fragmentos decorados, alguns dos quais podem mesmo corresponder a recipientes conservados no referido museu (o exemplo mais expressivo é o prato com decoração interior MOM1 e o fragmento MON/NC/21/13).

A maioria dos fragmentos de cerâmica pré-histórica foi recolhida na área exterior do monumento, especialmente nas sondagens 3 e 4, sob camadas de derrube com grande quantidade de elementos pétreos de médio e grande calibre. A possibilidade destas concentrações corresponderem a materiais rejeitados durante a escavação da câmara e do corredor no final do século XIX, associada ao potencial artefactual e estratigráfico desta área exterior, exige um especial cuidado no planeamento das próximas fases dos trabalhos arqueológicos a realizar no *tholos* do Monge.

Na intervenção de 2021 não se identificaram materiais cerâmicos associados às reutilizações/revisitações do *tholos* do Monge durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, tal como referido por G. Zbyszewski e restantes autores (1957, p. 7). Na pesquisa efetuada até ao momento no Museu Geológico não foi possível identificar algumas das peças mencionadas no trabalho de 1957, nomeadamente a cerâmica não decorada. Relativamente aos materiais destas cronologias merece destaque um fragmento de fundo com decoração brunida, que atraiu reiteradamente a atenção dos investigadores e que foi publicado por E. da Cunha Serrão (1959, p. 337) aquando da individualização deste tipo cerâmico. Neste período em que se discutia a cronologia e o significado cultural da cerâmica de ornatos brunidos, a relevância historiográfica de que esta peça se revestiu revela-se nas citações de que foi sendo alvo (veja-se por exemplo LEISNER, 1961 b, p. 423-424; LEISNER, 1965, p. 84; 250, Tafel 66 n.º 25; SCHUBART, 1971, p. 174, fig. 8).

O conjunto de artefactos líticos recolhidos é composto por 15 elementos, seis dos quais correspondem a fragmentos de seixos de granito e sienito, muito rolados, dois a fragmentos de rocha calcária, três a restos de talhe em sílex, uma lasca de rocha ígnea, uma lâmina de sílex MON/NC/21/4, uma ponta de seta de

sílex MON/NC/21/63 (de base côncava e bordos rectos) e um macrolítico – raspador sobre lasca MON/NC/21/1. Nas recolhas do século XIX destaca-se a presença de duas lâminas de sílex, dois restos de talhe e um número indeterminado, mas expressivo, de seixos de granito e sienito (RIBEIRO, 1880, p. 77; LEISNER, 1965, P. 85; 279).

Da intervenção realizada no final do século XIX não temos referência à recolha de vestígios osteológicos; na escavação de 2021 recolheram-se apenas dois elementos faunísticos (dente e fragmento de osso) na área do corredor. A ausência de vestígios osteológicos humanos e a reduzida expressão de animais neste monumento pode estar associada às características do substrato geológico (acidez dos solos graníticos) e/ou às reutilizações do monumento ao longo do tempo.

A abordagem cronológica deste monumento tem sido limitada pela indisponibilidade de amostras para a realização de datações de radiocarbono, ou de informações estratigráficas e contextuais dos materiais recolhidos nas primeiras intervenções arqueológicas, mas considerando as características dos recipientes cerâmicos provenientes do *tholos* do Monge que se integram no 3.º milénio a.C., nomeadamente o destaque de formas abertas com bordo espessado, as decorações caneladas no interior ou exterior, os grandes globulares decorados com caneluras e bandas de espinhado ou xadrez, a par da cerâmica campaniforme de estilos diversificados, é possível associá-los a utilizações de meados/segunda metade do referido milénio. Estas características morfológicas e decorativas apresentam semelhanças significativas com os recipientes cerâmicos lisos e decorados do sítio arqueológico da Rua das Padarias (COELHO, 2005) e com a Penha Verde, localizados na encosta setentrional da serra de Sintra, este último com datações de radiocarbono enquadráveis nos meados/segunda metade do 3.º milénio a.C. (CARDOSO, 2010/2011, p. 542).

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos realizados no *tholos* do Monge em 2021 permitiram recolher informação muito significativa para avaliar o estado de conservação do monumento, evidenciar o seu potencial para a investigação das práticas funerárias e simbólicas do 3.º e 2.º milénios a.C. na serra de Sintra e nos territórios envolventes, e reflectir sobre os desafios que se colocam à sua valorização e divulgação.

A imponente implantação arquitetónica do *tholos* do Monge evidencia uma clara harmonia entre os elementos naturais e antrópicos da serra de Sintra, característica marcante da história deste território e essencial para a classificação da Paisagem Cultural de Sintra como Património da Humanidade em 1995 (RIBEIRO, 1996; 2014; CAETANO, 2005). Também a singularidade arquitetónica do monumento do Monge, um *tholos* construído com grandes blocos de granito, evidencia uma simbiose entre tradições megalíticas mediterrâneas e atlânticas, igualmente um dos traços mais emblemáticos deste território e da própria “área costeira da Estremadura” (LEISNER & LEISNER, 1959, p. 34).

Tal como referimos na primeira parte deste artigo, não obstante o carácter pioneiro da identificação e reconhecimento científico do *tholos* do Monge, bem como a sua localização na Zona Especial de Proteção da paisagem classificada como Património Mundial desde 1995, este monumento tem um curto historial de trabalhos de campo (limpeza e escavação arqueológica), uma reduzida dinâmica de trabalhos de investigação e um longo processo de classificação (à data de elaboração deste artigo ainda inconclusivo). Assim, antes dos trabalhos realizados em 2021, o *tholos* do Monge estava embrenhado na vegetação com as suas estruturas dificilmente perceptíveis, e o seu valor patrimonial e autenticidade camuflados, contrastando com o interesse crescente da comunidade local e dos visitantes nacionais e estrangeiros.



Fig. 21 – Ações de divulgação do *tholos* do Monge junto do grande público: roteiro patrimonial “De Adrenunes ao Monge”, organizado pelo Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas no dia 24 de abril de 2021 para comemorar o Dia Europeu da Cultura Megalítica (Fotografia de Marta Ribeiro).

A situação deste monumento reflete as características de um território com abundante património edificado de referência internacional, principalmente na serra de Sintra e suas adjacências diretas, o que levou a que durante muito tempo o património arqueológico desta área não fosse considerado uma prioridade.

O projeto de conservação, restauro e valorização que a Câmara Municipal de Sintra pretende desenvolver no *tholos* do Monge insere-se numa nova etapa de preservação do património arqueológico, salvaguardando os princípios que nortearam a própria inscrição de Sintra na Lista do Património Mundial e cujo âmago é a preservação de uma paisagem única modelada pelas comunidades humanas ao longo de milénios, numa simbiose entre os valores naturais e culturais.

Para além do mais, este projeto encontra-se perfeitamente justificado pela importância científica do monumento, pelo seu razoável estado de conservação e pela sua capacidade de atração de visitantes com perfis muito diversificados, dando a conhecer a vivência simbólica desta paisagem na Pré-história e contribuindo para ampliar a oferta cultural na serra de Sintra.

Este programa de conservação, restauro e valorização deverá, em nosso entender, estar enquadrado num projeto de investigação interdisciplinar que permita uma abordagem holística e fundamentada, à semelhança do que se verifica para outros complexos megalíticos de referência na Península Ibérica (MORÁN & PARREIRA, 2001; 2004; 2008; PARREIRA & MORÁN, 2008; CARDOSO & GRADIM, 2011; GONÇALVES *et al.*, 2018; VALERA, 2017; 2020; LINARES CATELA, 2017; 2018; GARCÍA SANJUÁN *et al.*, 2013), que sustente as opções tomadas e mantenha a autenticidade da estrutura pré-histórica na paisagem envolvente, garantindo a sua durabilidade e sustentabilidade enquanto recurso patrimonial e científico.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid) a cedência das fotografias do Arquivo Leisner.
À Dra. Fernanda Torquato e à Dra. Filipa Bragança todo o apoio prestado nas pesquisas efetuadas no Arquivo Leisner (DGPC).

À Doutora Ana Costa o apoio na descrição geológica do *Tholos* do Monge.

À Doutora Patrícia Jordão a classificação e análise dos materiais líticos provenientes da escavação de 2021.

Ao Doutor André Tomás Santos a identificação do motivo representado na laje [14] e a indicação das respetivas referências bibliográficas.

REFERÊNCIAS

- AAVV (1986) – *Roteiros da Arqueologia Portuguesa – Lisboa e Arredores*, 1, Lisboa.
- AAVV (2003) – *Plano de Ordenamento do Parque Natural de Sintra Cascais*. ICN – Instituto de Coordenação da Natureza/ Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente (relatório policopiado).
- AAVV (1980) – Manifesto do Grupo para o Levantamento das Manifestações Megalíticas e Paramegalíticas em Portugal. In *ArteOpinião*. Lisboa, 12, p. 31 – 36.
- ABERG, N. (1921) – *La Civilisation Énéolithique dans la Peninsule Ibérique*. Uppsala
- ALMAGRO, M. Y.; ARRIBAS, A. (1963) – El poblado y la necrópolis megalíticos de Los Millares, *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, 3, Madrid.
- ALMEIDA, M. et al. (1991) – *Carta Geológica de Portugal*. Folha 34A (Sintra). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- APOLLINÁRIO, M. (1896) - Necrópole Neolítica do Valle de S. Martinho. *O Arqueólogo Português*. 1º série: 2. Lisboa, p. 210-221.
- BARBOSA, I. (1868) – Os Monumentos Prehistóricos – Dólmen ou anta de Adrenunes na Serra de Cintra. In *Archivo Pittoresco*, vol. 11, p. 377-379.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As Antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; MOITA, P.; PEDRO, J. & PEREIRA, A. (2014) O “dólmen furado” da Candieira (Redondo): Novas investigações no século 21. In *Actas VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, p. 53-72.
- BOLAMA, Gen. Marquez d’Avila (1909) – *Nova Carta Chorographica de Portugal*, 1. Lisboa.
- BOLÉO, J. (1973) – *Sintra e o Seu Termo (Estudo Geográfico)*. Sintra. Câmara Municipal de Sintra.
- BRAGA, P.; MACEDO, M. (2021) – *Relatório Prévio do Tholos do Monge*. Sintra.
- CABRERO, R. (1985) – Tipologia de sepulcros calcolíticos de Andalucía Occidental. *Huelva Arqueologica*, 7, p. 207-263.
- CAETANO, T. (2005) – Sintra, entre a Serra e a Vila. História, Património e Paisagem. In *Direito do Património Cultural e Ambiental. Actas do Colóquio realizado em Monserrate a 7 de junho de 2005*. Sintra, p. 11-22.
- CAETANO, T. (2016) – Cavalos do vento e ginetes do ocaso: do paraísos à partenogénese do Monte da Lua. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 175-194.
- CALADO, M. (2005) – *Menires do Alentejo Central: génese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- CALVÍN VELASCO, M. (2014) – Estudio, análisis y valoración social de la Necrópolis Calcolítica de los Millares (Santa Fé de Mondújar, Almería). *Arqueología y Territorio*. Universidade de Granada, 11, p. 1-13.
- CALVÍN VELASCO, M. (2019) – Arquitectura megalítica en el sureste de la península ibérica. Análisis inicial de los sepulturas de corredor, cámara circular y cubierta plana de las necrópolis de Los Millares, Los Rubialillos Y Las Peñicas-El Tejar (Almería). *MARQ. ARQUEOLOGÍA Y MUSEOS*. Alicante, 10, p. 25-46.
- CALVÍN VELASCO, M.; CÁMARA SERRANO, J.; MOLINA GONZÁLEZ, F. (2022) – Revisión tipológica de los sepulcros calcolíticos del cuadrante Sureste de la Península Ibérica. Las sepulturas construidas en mampostería con corredor, cámara circular y cubierta plana del Grupo Arqueológico de Los Millares. *Archivo de Prehistoria Levantina*, Valencia, vol. XXXIV, p. 83-108.
- CARDOSO, J. L. (1984) – *Breve nota sobre um artefacto pré-histórico encontrado na Serra de Sintra*. Arquivo de Cascais. Cascais, 5, p. 65-69.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Correspondência anotada de Abel Viana e O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 16, p. 415-608.
- CARDOSO, J. L. (2008) – O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 16, p. 13-124.
- CARDOSO, J. L. (2010 / 2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, p. 467-551.
- CARDOSO, J. L. (2014) – A sepultura calcolítica da gruta da Ponte da Laje (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 21, p. 183-194.
- CARDOSO, J. L. (2022) – Os enigmáticos “Báculos” de xisto pré-históricos: a propósito de um exemplar da Lapa da Galinha (Alcanena). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 30, p. 35-56.
- CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2011) – *Dez anos de trabalhos arqueológicos em Alcoutim. Do Neolítico ao Romano*. Lisboa: Câmara Municipal de Alcoutim, p. 76-99.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O.; NORTH, C.; NORTON, J.; MEDEIROS, J.; SOUSA, P. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituária, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 135-193.
- CARNEIRO, A. (2005) – Outside Government Science, ‘Not a Single Tiny Bone to Cheer Us Up!’ The Geological Survey of Portugal (1857–1908), The Involvement of Common Men, and the Reaction of Civil Society to Geological Research. *Annals of Science*, 62:2, p. 141-204.
- CARNEIRO, A. (2017) – Arquivos e investigação histórica: relato dos estudos e intervenções realizadas no Arquivo Histórico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. *Comunicações Geológicas*. Lisboa, 104: 1, p. 33-42.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les Ages Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris.
- CASTILLO, A. (1928) – *La cultura del Vaso Campaniforme (su origen y extension en Europa)*. Universidad de Barcelona. Barcelona, p. 61.
- CATARINO, F. (1996) – A Paisagem de Sintra e a sua Vegetação. In RIBEIRO, J. C. (coord.) – *Sintra Património da Humanidade*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 77-79.
- CHILDE, V. (1950) – Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 60:1-2, p. 5-16.
- COELHO, C. (2005) – *Relatório síntese da intervenção arqueológica efectuada em 1986 na Rua das Padarias, n.º 14 (Vila Velha, Sintra)*. Câmara Municipal de Sintra.
- CORGA, M. (2022) – *Os Vivos depois da Morte: uma abordagem à gestão mortuária dos Tholoi 1 e 2 da Horta do João da Moura 1 (Ferreira do Alentejo) durante o 3.º milénio AC*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- CORREIA, V. (1914) – A exploração arqueológica da Serra das Mutelas. *In O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª série, 19, p. 264-269.
- CORREIA, V. (1915) – Ídolos prehistoricos tatuados de Portugal. *A Águia*, 2ª série, 7.
- COSTA, F.A. P. (1868) – *Descrição de alguns dólmenes ou antas de Portugal*. Lisboa.
- COSTEIRA, C. (2020) – *Relatório de Progresso. Monumento pré-histórico da Praia das Maçãs – Elaboração do Relatório Prévio e Projeto de Conservação e Restauro*. Câmara Municipal de Sintra.
- COSTEIRA, C.; PORFÍRIO, E. (2021) – *Relatório Preliminar. Elaboração do Relatório Prévio e do Projeto de Conservação, Restauro e Valorização do Tholos do Monge*. Câmara Municipal de Sintra.
- COSTEIRA, C.; PORFÍRIO, E. (2022) – *Relatório Progresso. Elaboração do Relatório Prévio e do Projeto de Conservação, Restauro e Valorização do Tholos do Monge*. Câmara Municipal de Sintra.
- COSTELA MUÑOZ, Y. (2017) – La pervivencia de la ideología megalítica durante el II y I milénios a.n.e. Un caso de estúdio: el sur de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 20, p. 45-60.
- DEVY-VARETA, N. (1993) – *A Floresta no Espaço e no Tempo em Portugal. A arborização da Serra da Cabreira (1919 – 1975)*. Tese de doutoramento em Geografia Humana a apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.
- DIAS, M. (2003) – As explorações geográficas dos finais de Setecentos e a grande aventura da Carta Geral do Reino de Portugal. *Geografia*. Porto, S. 1, 19, p. 383-396.
- ESTÊVÃO, J. (1983) – A florestação dos baldios. *Análise Social*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, vol. XIX (77-78-79), 1983 – 3.º; 4.º; 5.º, p. 1157-1260.
- FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Inventário dos Monumentos Megalíticos dos Arredores de Lisboa. *In Atas do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 1, p. 215-230.
- FERREIRA, O. da Veiga (1953) – O Monumento Pré-histórico de Agualva (Cacém). *Zephyrus*. Salamanca, 4, p. 145-166.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Acerca dos monumentos funerários da cultura do vaso campaniforme em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, vol. 15, 3-4, p. 203-218.
- FERREIRA, O. da Veiga (1966) – *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. (Memórias, nova série; 12).
- FLEURE, H. J.; PEAKE, J. E. (1930) – Megaliths and Beakers. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 60, p. 47-71.
- FOLQUE, Filipe (1848) – Trabalhos geodésicos do reino. *Revista Universal Lisbonense*, Série I, Tomo VII, n.º 26 – 1 de junho, p. 301-306.
- FOLQUE, Filipe (1851) – Memória sobre os Trabalhos Geodésicos realizados em Portugal. *História e Memórias da Academia da Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa, S. 2, tomo III.
- FOLQUE, Filipe (1856) – Continuação da Memória sobre os Trabalhos Geodésicos executados em Portugal. *História e Memórias da Academia da Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa, S. 2, tomo III.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L.; FERREIRA, O. V. (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GARCIA, C. (1997). Ermida de São Saturnino: breve nota de uma escavação arqueológica na Serra de Sintra. *Arqueologia Medieval*. Porto, 5, p.85-101.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; HURTADO P. V. (2002) – La arquitectura de las construcciones funerarias de tipo *tholos* en el Suroeste de España. In Serrelli, D.; Vacca, D. (coords.) – *Aspetti del Megalitismo Prehistórico. Incontro di Studio Sardegna-Spagna (Museo del Territorio, Lunamatrona, Cagliari, Italia, 21-23 de Septiembre de 2001)*, p. 36-47.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; VARGAS JIMÉNEZ, J.; HURTADO PÉREZ, V.; RUIZ MORENO, T.; CRUZ – AUÑÓN BRIONES, R. (2003) – *El asentamiento pré-histórico de Valencina de la Concepción (Sevilla): Investigación y tutela en el 150 Aniversario del Descubrimiento de La Pastora*. Universidade de Sevilla. Sevilla.

- GÓMEZ-MORENO, M. (1905) – Arquitectura tartesia: la Necrópoli de Antequera. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Tomo 47, P. 81-132
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *Sítios, horizontes e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas. Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. Cascais: Câmara Municipal, 2.ª edição.
- GONÇALVES, V. S. (2008) – Na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., dois subsistemas mágico-religiosos no Centro e Sul de Portugal. In HERNÁNDEZ PÉREZ, M.; SOLER DÍAZ, J.; LÓPEZ PADILLA, J. (coord.) – *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante, p. 112-120.
- GONÇALVES, V. S. (2009) – Construir para os mortos. Grutas artificiais e antas na Península de Lisboa. Algumas leituras prévias. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, p. 237-260.
- GONÇALVES, V. S. (2014) – Les changements du sacré: du dolmen au *tholos* à Reguengos de Monsaraz (Alentejo, Portugal, 3200-2800 a.n.e.), *Préhistoires Méditerranéennes. Colloque (2014) Fonctions, utilisations et représentations de l'espace dans les sépultures monumentales du Néolithique européen*.
- GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 235-254.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.; SANTOS, M. (2018) – *A necrópole de grutas artificiais de Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela 3200 – 2000 antes da nossa Era) – um guia curto e alguns comentários*. Câmara Municipal de Palmela.
- GPDM (2014) – *PDM de Sintra revisão. Relatório de caracterização e diagnóstico do concelho de Sintra. Tema 11 – Património natural, arquitetónico e Arqueológico*. Câmara Municipal de Sintra.
- HAWKES, J. (1934) – Aspects of the Neolithic and Chalcolithic periods in western Europe. *Antiquity*, 8:29, p. 24-42.
- HOSKIN, M.; VENTURA, J. M. Q.; TIRAPICOS, L.; VERA RODRÍGUEZ, J. C.; MAS CORNELLÁ, M.; CRUZ-AUÑÓN BRIONES, R.; GARCÍA SANJUAN, L.; BELMONTE, J. A.; PIMENTA, J. F.; MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (2001) – Studies in Iberian Archaeoastronomy: (8) Orientations of megalithic and *tholos* tomb of Portugal and Southwest Spain. *Archaeoastronomy/Journal for the History of Astronomy*, 26: 32, p. S45-S64.
- JANSSEN, J.; KNOBLICH, O.; SIMÕES, T. (2009) – Parque Natural Sintra – Cascais, Portugal: biodiversity and management. In KRZYWINSK, K.; O' CONNELL, M.; KUSTER, H. (eds.) – *Cultural Landscapes of Europe: Fields of Demeter, Haunts of Pan*. Aschenbeck media, p. 80-81.
- JORDÃO, P.; MENDES, P. (2006 / 2007) – As grutas artificiais da Estremadura Portuguesa: uma leitura crítica das arquiteturas. *Arqueologia e História*. Lisboa, 58 / 59, p. 43-78.
- JOSÉ, J. Frei (1789) – *Historia hronologica da Esclarecida Ordem da SS. Trindade, Redempção de Cativos da Província de Portugal*. Lisboa, Tomo I.
- KADOR, T.; CASSIDY, L.; GEBER, J.; HENSEY, R.; MEEHAN, P.; MOORE, S. (2018) – Rites of Passage: Mortuary Practice, Population Dynamics, and Chronology at the Carrowkeel Passage Tomb Complex, Co. Sligo, Ireland. *Proceedings of the Prehistoric Society*, p. 1-31.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1. Lisboa, p. 45-152.
- LEANDRO, S. (2007) – Monumento Pré-histórico do Monge. In ALMEIDA, A.; BELO, D. (coord.) – *Portugal Património* – Lisboa, vol. VII. Círculo dos Leitores, p. 44.
- LEEDS, E. T. (1920) – The Dolmens and Megalithic Tombs of Spain and Portugal. In *Archaeologia*, 70; p. 201-232.
- LEISNER, G. (1940) – Ueberleben megalithischer Elemente in ländlichen Bauten von Alentejo. In *Congresso do Mundo Português*. Lisboa, vol. 2:18, p. 352-367.
- LEISNER, G. (1942) – Probleme der östlichen Ausbreitung der portugiesischen Megalithkultur. *Ethnos* 2, 1-2.

- LEISNER, G. (1945) – A cultura eneolítica do Sul da Espanha e as suas relações com Portugal. Comunicação feita em Assembleia Geral de 7 de fevereiro de 1945. *Arqueologia e História*. Lisboa, s.8, vol.I.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Suden*. Römisch – Germanische Forschungen, 17. Berlin, Walter de Gruyter & C.º.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen, 1. Berlin, Walter de Gruyter & C.º.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen, 2. Berlin, Walter de Gruyter & C.º.
- LEISNER, V. (1961 a) – Innenverzierte Schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel. *Madrider Mitteilungen*. Madrid 2, p. 11-45.
- LEISNER, V. (1961 b) – Vasos eneolíticos decorados no interior. *Revista de Guimarães*, 71:3-4, p. 409-428.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen, 1/3. Berlin, Walter de Gruyter & C.º.
- LEISNER, V.; FERREIRA, O. V. (1963) – Primeiras datas de radiocarbono 14 para a cultura megalítica portuguesa. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4), p. 358-366.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1969) – Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos. *Memória dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 16.
- LEITÃO, V. (2004) – *Assentar a primeira pedra: As primeiras Comissões Geológicas portuguesas (1848-1868)*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- LINARES CATELA, J. (2017) – *El megalitismo en el Sur de la Península Ibérica. Arquitectura, Construcción y usos de los monumentos del área de Huelva. Andalucía Occidental*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Huelva e à Universidade de Rennes 1.
- LINARES CATELA, J. A. (2018) - Megalitismos del área de Huelva. Investigación y puesta en valor. In SENNA MARTINEZ, J. C. de; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. de (eds) - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 519-538.
- LINARES CATELA, J.; GARCÍA SANJUÁN, L. (2010) – Contribuciones a la Cronología Absoluta del Megalitismo Andaluz. Nuevas fechas radiocarbónicas de sitios megalíticos del Andévalo Oriental (Huelva). *Menga*. 1, p. 135-150.
- LOZANO MEDINA, A. (2017) – *La Cronología y Temporalidad del Fenómeno Megalítico del Sureste de la Península Ibérica*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Granada.
- MACALISTER, R. A. S.; ARMSTRONG, C. E.; PAEGAR, R. L. (1912) – Report on the Exploration of Bronze Age Cairns on Carrowkeel Mountain, County Sligo. *Proceedings of the Royal Irish Academy 29 C (1911-1912)*, p. 311-347.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J. L.; RAPOSA, L.; PARREIRA, R. (1972) – Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras) – Notícia prévia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série 3, 6, p. 207-212.
- MATALOTO, R. (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 8, p. 115-128.
- MATALOTO, R. (2020) – Antas e seus congéneres: algumas reflexões em torno do Megalitismo a partir da Aba Sul da Serra d'Ossa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Câmara Municipal de Oeiras, 27, p. 141-180.
- MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2010) – Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): intervenção de caracterização. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 13, p. 5-24.
- MELLO, O.; FORTUNA, V.; FRANÇA, J.; FERREIRA, O. da Veiga; ROCHE, J. (1961) – O Monumento Pré-histórico da Bela Vista (Colares). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, XLV, p. 235-255.
- MOLINA, F. E.; CAMARA, J. A. (2005) – *Los Millares: guía del yacimiento arqueológico*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura. Sevilla.

- MORÁN, E. (2015) – O monumento 9 de Alcalar. In GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C. (eds.) – *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ, p. 532-539.
- MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2001) – Projecto Alcalar: estudo, salvaguarda e valorização de uma paisagem cultural do III milénio a.C. In *Revista Estudos e Património: Investigação*. Lisboa, p. 94-97.
- MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2008) - Alcalar: um projecto para o conhecimento, salvaguarda e promoção de uma paisagem cultural no Algarve. In *Al-Madan – Grandes Projetos da Arqueologia Portuguesa*. Almada, 16, p. 106-114.
- MORÁN, E.; PARREIRA, R. (coord.) (2004) – *Alcalar 7: Estudo e Reabilitação de um Monumento Megalítico*. Lisboa: IPPAR.
- OLIVEIRA, C. (2001) – *Lugar e Memória. Testemunhos Megalíticos e Leituras do Passado*. Lisboa.
- OLIVEIRA, E.; GALHANO, F.; PEREIRA, B. (1969) – *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa.
- PARREIRA, R.; MORÁN, E. (2008) - El conjunto monumental de Alcalar (Algarve, Portugal). *PH Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*. Sevilla, 67, p. 127-131.
- PEREIRA, F. (1957 a) – O Penhasco de Adrenunes na Serra de Sintra. Publicado no Diário de Notícias de 2 de abril de 1932. *Sintra do Pretérito*. Câmara Municipal de Sintra, p.55-57.
- PEREIRA, F. (1957 b) – O Notável Monumento Pré-histórico do Monge. Publicado no Diário de Notícias de 5 de junho de 1932. *Sintra do Pretérito*. Câmara Municipal de Sintra, p.61-63.
- PEREIRA, F. (1957 c) – O Descalabro do Monumento do Monge na Serra de Sintra. Publicado no Diário de Notícias de 3 de julho de 1932. *Sintra do Pretérito*. Câmara Municipal de Sintra, p.65-67.
- PEREIRA, F. (1957 d) – Na estação arqueológica de Santa Eufémia da Serra (Valiosíssimo achado). Publicado no Diário de Notícias de 15 de dezembro de 1932. *Sintra do Pretérito*. Câmara Municipal de Sintra, p. 21-23.
- PIEIDADE, A. (1728) – *Espelho de penitentes e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do serafico patriarcha S. Francisco, no Instituto Capucho*. Lisboa, tomo 1, p. 783-784.
- PIGGOTT, S. (1953) – The Tholos Tomb in Iberia. *Antiquity*. Durham, 27, p. 137-143.
- PINA, R. (2019) – *O monumento megalítico da Bela Vista (Colares, Sintra): um contributo para o conhecimento das práticas funerárias do 3.º milénio a.n.e.* Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PIÑÓN VARELA, F. (2017) – *El horizonte cultural megalítico en el área de Huelva*. Junta de Andalucía.
- PORFÍRIO, E.; GONÇALVES, A.; COSTEIRA, C.; CAMPOS, R.; SIMÕES, T. (no prelo) – Conservação e valorização do Monumento Pré-histórico da Praia das Maçãs e do Sítio Arqueológico do Alto da Vigia, Sintra, Portugal. In *Encontro Internacional: Gestão de Sítios Arqueológicos em meio urbano, 13 a 15 de setembro de 2021*. Almada.
- QUEIROZ, P.; MATEUS, J. (2001) – *Estudos de arqueobotânica no sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra*. Trabalhos do CIPA n.º 21. Lisboa
- RAMALHO, M.; PAIS, J.; REY, J.; BERTHOU, P.Y.; ALVES, C.A.M.; PALÁCIOS, T.; LEAL, N.; KULLBERG, M.C. (1993) – *Notícia explicativa da folha 34-A Sintra*. Serviços Geológicos de Portugal, Direção Geral de Geologia e Minas, Ministério da Indústria e da Economia.
- REIS, H.; VALERA, A.; MACEDO, M.; CABAÇO, N. (2020) – A Quinta Velha: uma ocupação calcolítica na Serra de Sintra. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, Lisboa, 14, p. 29-40.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Estudos Pré-históricos em Portugal: Notícia de algumas estações prehistoricos. II – Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Lisboa. Typographia da Academia.
- RIBEIRO, J. C. (1996 coord.) - *Sintra Património da Humanidade*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- RIBEIRO, J. C. (2014) – A “paisagem cultural de Sintra” Património da Humanidade sua dimensão política, estratégica e ordenadora. In *Actas do Colóquio Nacional Raul Lino em Sintra*. Sintra, p. 107-129.

- RIBEIRO, M. L.; RAMALHO, M. M. (1997) – *Notícia Explicativa da Carta geológica simplificada do Parque Natural de Sintra Cascais*. Instituto Geológico e Mineiro.
- RIBEIRO, O. (1980) – Remarques sur la morphologie de la région de Sintra et Cascais. *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, II (3-4), p. 203-218.
- ROCHA, A. S. (1904) – Dolmens de Alcalar. *Boletim da Sociedade Archaeologica da Figueira*. 2, p. 39-50.
- SAVORY, H. (1968) – *Spain and Portugal: The Prehistory of Iberian Peninsula*. Londres: Thames & Hudson.
- SCHUBART, H. (1971) – Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 28, p. 153-182.
- SERRÃO, E. (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. p. 337-359.
- SILVA, A. M. (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas do Neolítico final/Calcolítico*. Tese de Doutoramento. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- SILVA, R.; BACELAR, J.; CATARINO, M.; CORREIA, A.; ESCUDEIRO, A.; SERRA, M.; RODRIGUES, C. (1991) – *A Flora da Serra de Sintra*. Lisboa.
- SIMÕES, T. (1993) – A Pré-história de Sintra. In MEDINA, J. (eds.) – *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Lisboa. Ediclube, p. 224-230.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim: contribuições para o estudo da neolitização da península de Lisboa*. Lisboa (Trabalhos de Arqueologia, 12).
- SIMÕES, T. (2003) – A ocupação do Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva. In GONÇALVES, V. S. (eds.) – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa (Trabalhos de Arqueologia, 25).
- SIMÕES, T. (2009) – Parque Natural Sintra – Cascais, Portugal: a historical perspective. In KRZYWINSKI, K.; O'CONNELL, M.; KUSTER, H. (eds.) – *Cultural Landscapes of Europe: Fields of Demeter, Haunts of Pan*. Aschenbeck media, p. 78-79.
- SOARES, A. M. M.; CABRAL, J. M. P. (1993) – Cronologia Absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, II. Vol. 33, fasc. 3-4. Porto, p. 217-235.
- SOARES, J. (2003) – *Os Hipogeuos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico*. Setúbal.
- SOUSA, A. C. (1998) – *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. (Trabalhos de Arqueologia, 11). Lisboa.
- SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim (Mafra) na sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de doutoramento policopiada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, A. C. (2016) – Megalitismo e metalurgia. Os *tholoi* do Centro e Sul de Portugal. In SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e água, escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa, p. 209-242.
- SOUSA, A. C. (2021) – *O Penedo do Lexim (Mafra) no Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Trabalhos de Arqueologia, 56. Direção Geral do Património Cultural / Câmara Municipal de Mafra / Uniarq, Lisboa.
- VALERA, A. C. (2020) – *O sepulcro 4 dos Perdígões. Um tholos da Segunda metade do 3.º milénio AC*. Perdígões Monográfica. Lisboa, 2.
- VALERA, A. C.; FILIPE, V. (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa, 5, p. 49-56.
- VALERA, A. C.; GODINHO, R. (2009) – A Gestão da morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): Novos Dados, Novos Problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, p. 371-387.

- VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*. Lisboa, p.84-105.
- VALERA, A. C.; SILVA, A. M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L. (2014a) – Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal). In Valera, A. C. (ed.) – *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, BAR, International Series 2676, p. 37-57.
- VALERA, A.; FIGEUIREDO, M.; LOURENÇO, M.; EVANGELISTA, L.; BASÍLIO, A.C.; WOOD, R. (2019) – *O Tholos do Cardim 6. Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Beja)*. Era monográfica, 3. Lisboa.
- VALERA, A.C. (2017) – Duas décadas de investigação nos Perdigões: Resenha da bibliografia produzida. In *Açontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa, 12, p. 69-75.
- VASCONCELOS, J. L. (1896) – Xorca de ouro. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, S 1, 2, p. 17-24.
- VASCONCELOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Imprensa Nacional. Lisboa, vol. I, p. 245.
- VASCONCELOS, J. L. (1902) – Sepulturas pré-históricas de carácter mycenense. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, S 1, 7, p. 128 – 134.
- VEIGA, S. E. (1886-1887-1889-1891). *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa nacional. 4 vols.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. F.; ZBYSZEWSKI, G.; SERRALHEIRO, A. S. C.; FERREIRA, O. V (1959) – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *Actas e Memórias do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 197-213.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da VEIGA; ANDRADE, R. F. (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38, p. 409-419, Lisboa: Serv. Geológicos de Portugal.
- VILAÇA, R. (2003) – Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final/Ferro Inicial no território português. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, s. IV, n.º 21, p. 245-288.
- WILKE, G. (1912) – *Südwesteuropäische Megalithkultur und ihre Beziehungen zum Orient*. Würzburg: Curt Kabitzsch.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. (1958) – Estação Pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, tomo XXXIX, p. 37-67.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A.; FERREIRA, O. (1957) – *Nota sobre a gruta da Ponta da Laje (Oeiras) e a Tholos do Monge (Sintra)*. 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências – 7.ª secção (Coimbra, 1956), p. 189-191.

RECURSOS DIGITAIS

- <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50162>
- http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6419
- <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/arquivos-dgpc/arquivo-leisner/>
- <http://paisagemcultural.sintra.pt/>
- http://guiadigital.uam.es/SCUAM/doc_capas_relieve_pib.php
- <https://centrodedescargas.cnig.es/CentroDescargas/index.jsp>
- <https://www.dgterritorio.gov.pt/dados-abertos>
- <https://cm-sintra.pt/territorial/plano-diretor-municipal/visualizadorsig>
- <https://www.igeoe.pt/index.php?id=186&p=1&escala=1&distrito=11>
- <https://www.dainst.org/publikationen/publikationen-des-dai>
- https://codecs.vanhamel.nl/Macalister_1911-1912a

Nota: todos os endereços consultados estavam ativos à data de realização deste trabalho.